



Aventuras extraordinarias dum policia secreta ≈ ≈

JACK, O ESTRIPADOR



Agarrou com uma das mãos o policia amador pelas guellas e com a outra
puxou de uma faca

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Rua Ivens, 41 e 43 — Lisboa. • • • • •

Editor e proprietario: F. A. de Miranda Sousa • • • • •

Composição e impressão na TYP. LUSITANA EDITORA, Rua Ivens, 41 e 43, pertencente ao editor

Collecção Galante Illustrada

Explendidos romances de amor, com magníficas
photogravuras

A publicação mais barata de Portugal

300 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 300

Volumes publicados

I Memorias de uma mulher bonita, por E. Feydeau (2.^a edição).—II e III Veneno dos labios, por René Emery.—IV Deusa do amor, por Jean Valgorge.—V Estroinices de mulher, por Jean de Merlin.—VI e VII As sacerdotizas de Mylitta, por Jane de la Yuudière.—VIII Supreme abraço, por Victorien du Saussay.—IX Flor de Volúpia, por Saint-Médard.—X O peccado da baroneza, por Victor Jozé.—XI Tormentas de amor, por Guy de Téraumont.—XII Noites de prazer, por Victorien du Saussay.—XIII Hora propicia, por René Emery.—XIV Virgens em flor, por René Emery.—XV Voluptuosidades imperiaes, por Guy de Téraumont.—XVI Furor amoroso, por Saint-Médard.—XVII O Harem de Syta, por Jane de la Vaudrière.—XVIII Amante ideal, por Victorien du Saussay.—XIX Manobras conjugaes, por Theodoro Cahu.—XX Biblia do amor, por René Emery.—XXI As mulheres dos outros, por G. de Téraumont.—XXII As que escorregam, por Theodoro Cahu.—XXIII Delirios da carne (Amores de uma freira), por Victor Nadal.—XXIV Educação amorosa, por René Maizeroy.—XXV Rainhas d'Alcoia, por Amadeu Boyer.—XXVI Sereia, por René Maizeroy.—XXVII As ultimas bacchantes, por Jean Gravingni.

Em preparação

XXVIII—O menino bonito, por Jean Valgorge.
XXIX—Viúvas ardentes, por Victor Jozé.

Pedidos á:

Typographia Lusitana Editora

Collecção Amorosa

NOVELLAS E CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs.

Cada volume com bella
capa artistica

rs. 100

A nova publicação, que lançamos a publico n'uma edição esmerada e ao alcance das bolsas reenas abonadas, formará uma preciosa collecção das mais lindas novellas e contos que a litteratura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados constituirá uma pequena bibliotheca de raro merecimento litterario, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d'arte.

Acham-se já publicados:

O Segredo de Suzanna, por M. Prévost

Uma lição, por Emile Zola

Missão deliciada, por M. Prévost

Historietas brejeiras, por Armand Sylvestre

Seis mulheres para um homem, por C. Aubert

No próximo:

Contos do convento, por Catulle Mendès—Nantas, por Emile Zola—N'uma noite de verão, por Emile Zola, etc.,

Pedidos á

Typographia Lusitana Editora, 11, R. Ivens 13
LISBOA

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances
de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com ex-
plendida capa artistica Rs. 100

Volumes publicados

A enterrada viva, por Jules Lermina
O mascara negra (Proezas de Raffles) por E. W. Hornung
O segredo do abysmo, por G. Le Faure
O castigo d'um falsario (Proezas de Raffles).
O Amante da rainha, por Jean de Kerlecq
O roubo das reaes ordens (Proezas de Raffles)

A apparecer brevemente

Um thesouro u'um ataúde

(Proezas de Raffles)

A publicação das

Proezas de Raffles

O GATUNO AMADOR

alternará no Livro Popular com novellas d'outros
auctores, seleccionadas com o maior escriptulo.

Dirigir pedidos á

Typographia Lusitana Editora, 11, Rua Ivens, 13, Lisboa

MODERN-BIBLIOTHECA

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
no texto

A Modern-Bibliotheca será constituida por edições luxuosas e artisticas, todavia accessiveis aos menos abonados, offerecendo lhes, por baixos preços, as obras primas dos melhores escriptores modernos, dos grandes mestres do romance naturalista, baseadas em factos da vida real, analysados com invulgar observação e critica salutar.

Volumes publicados

I—Ditoso Lar, por Marcel Prévost

II—Aphrodite, por Pierre Louys.

III—Prima Laura, por Marcel Prévost.

Em preparação

Em Férias, de Henry Regnier—Cartas de mulheres, por Marcel Prévost—Sire, de Henry Lavedan—André Cornélias, de Paul Bourget—Memorias d'um fidalgo, de Abel Hermant, etc., etc.

Preço 500 réis

Jack, o estripador

por A. CONAN DOYLE

CAPITULO I

Uma aposta entre dois policiaes

—Ha um caso que muito me preoccupa sr. Holmes e recorro a si, porque não disponho já de nenhum outro meio para dissipar o enigma que dia a dia se nos torna cada vez mais horroroso.

Assim se dirigiu ao celebre policia amador o director da policia de Londres Mr. Warren, logo que Sherlock Holmes entrou no gabinete.

—Regressei hoje de manhã de Italia,—respondeu-lhe Holmes,—onde tive a sorte de resolver um negocio de minha especialidade muito importante. Encontrei a sua carta, senhor director da policia vi da sua leitura, que o sr. me queria fallar n'um caso urgente e, por isso, aqui estou.

Deram um aperto de mão, e em seguida sentaram-se a uma mesa pequena em duas cadeiras de couro.

—Quanto tempo esteve em Italia?—perguntou o director da policia.

—Cerca de trez mezes.

—Mas, em todo o caso soube naturalmente dos terriveis acontecimentos que se deram em Londres, e hade ter visto pelos jornaes, que nós, a policia do crime, não temos andado sobre um caminho de rosas.

—Ah! refere-se a Jacques, o estripador?

—E', na verdade, a elle que me refiro. Não se falla n'outra coisa em Londres, Inglaterra, na Europa, no mundo inteiro, se tanto se pode dizer.

Ah! posso confessar-lhe sinceramente, sr. Holmes, que já pensei muito a serio em ir depór o meu cargo nas mãos da rainha, e cedel-o a outro mais novo que possa medir-se com esta visão deabolica.

—Visão diabolica? disse Sherlock Holmes sorrindo,—eu creio, que nós aqui apenas temos de tratar com um patife sedento de carne e sangue, e não comprehendendo, porque hade ser tão difficil pôr um termo a obra de tal homem.

—Ouvir taes palavras da sua bocca sr. Holmes, é como ver raiar uma nova esperanza!

—Mas accenda ainda um charuto! fumemos! Porque a conversa exigirá bastante tempo e já dei ordem para me não importunarem seja para o que fôr.

Com estas palavras apresentou o director da policia a Holmes uma pequena caixa de marfim com charutos e Holmes accendeu um.

—Se pelos jornaes soube tudo, o que diz respeito a Jacques o estripador—tornou Warren—então posso resumir e limitar me, propriamente a instrucção do facto.

«Ha tres mezes, portanto, foi-nos annuciado no quartel-general da policia um caso que a principio não nos exasperou.

«Em Whitechapel, na Gloucesterstreet (rua Gloucester) uma das ruas de peor fama d'esta parte da cidade, fôra encontrada n'um vestibulo escuro uma mulher nova, uma meretriz de Whitechapel, como depois se viu a saber, cujo corpo tinha sido estripado e horivelmente mutilado.

«O sr. Hunter, agente especial de Whitechapel, foi immediatamente chamado e classificou o caso de assassinato com violação.

«Sabe que ha um certo numero de criminosos que matam a mulher ao mesmo tempo que a forçam ao amor. Uma disposição morbida, uma loucura, se assim lhe quizer chamar, que a gente não devia punir com prisão, mas simplesmente internando os desgraçados, que soffrem d'este delirio, em casas de saude.

—Muito humano e muito bem pensado, respondeu

Sherlock Holmes,—sou inteiramente da sua opinião.

—O caso da Gloustersfreet ficou envolto em profundas trevas, continuou o director da policia,—todas as diligencias effectuadas apenas informam, que fôra visto na rua um homem de cara supeita.

«Mas ninguém soube descrever precisamente como elle era.

«Um marinheiro juraria que o homem usava uma barba cerrada e hirsuta, e a proprietaria d'uma estalagem declara-se prompta a depôr sob juramento, que a cara do mesmo homem estava lisa rapada como a de uma mulher.

«A desgraçada foi enterrada, tomou-se nota do caso e tres dias depois deu-se exactamente o mesmo caso na Greenwich Road.

«Aqui foi a mulher d'um piloto, embarcado lá para as Indias occidentaes sabe Deus onde, que appareceu morta exactamente da mesma maneira. Era uma rapariga bella e forte.

—Era de prever a duplicidade dos casos, disse Holmes sorrindo,—porque o senhor bem sabe que nós estamos, como os medicos, absolutamente convencidos de que, quando se produz uma vez um caso tão extraordinario e interessante, logo no mesmo dia ou pouco tempo depois se repete.

—A duplicidade dos casos foi bem depressa excedida, proseguiu Warrn,—pois que logo se deram outros em seguida. Só n'uma semana não cahiram menos de oito raparigas sacrificadas á fúria do mystirioso assassino.

«As victimas eram atacadas subitamente nas ruas e ali executadas, ou então arrastadas para um vestibulo, estrebaria, ou quintal, rapidamente, sempre para um logar onde o assassino pudesse estar em segurança, para trabalhar sem ser importunado.

«E o corpo sempre lhes era estripado por meio de uma faca muito aguçada, d'uma maneira, pode dizer-se, como se fosse por mão de profissional.

—Nenhuma das victimas ponde fazer um simples depoimento quando foi encontrada?

—Nenhuma. Em todos os casos appareceram já mortas.

—Mas parecia muito principalmente, isto tornou-se-nos logo claro, que o assassino tinha em vista as mulheres de má nota e facéis, mas que não andava a procurar na gente de Whitechapel ou para melhor dizer, na esphera das mulheres publicas.

«Não; tambem algumas mulheres e raparigas de boas familias foram victimadas por elle.

Alem disso devo notar que fiz constar pelos meus mais experimentados agentes, que todas estas mulheres e raparigas levavam secretamente, uma vida mais ou menos de levianas. Tenha isto em vista sr. Holmes, isto é importante.

—Parece-me realmente importante, concordou Sherlock Holmes, e quantos casos foram na sua totalidade, senhor Warrn?

—Até agora, nodecorso de tres mezes foram 37 mulheres e raparigas todas da mesma forma.

«Apossou-se de toda a cidade um panico horroroso.

Não ha senhora nem mulher da classe burgueza que se arrisque a sahir de noite á rua.

«O povo já deu, porém, um nome ao assassino; chama-lhe Jacques o estripador.

«De todos os lados nos veem as mais rudes censuras. Os jornaes atacam violentamente a policia e exigem d'ella, que ponha cobro a esta calamidade.

«O meu superior hierarchico já me deu a entender a necessidade de encontrar Jacques e de o prender.

«Senhor Holmes, diga francamente, o senhor que é o primeiro especialista do mundo: pode apanhar um homem que, surgindo como um phantasma na escuridão da noite, pratica o crime em poucos minutos, e logo desaparece sem deixar vestigio algum? Um homem que não deixa o minimo rasto da sua pessoa, que trabalha sempre pelo mesmo methodo mas que torna sempre a apparecer n'outra parte da cidade, parecendo estar aliado com o demonio?

Holmes passou duas vezes o mño pelo queixo bem barbeado, cogitando.

—Permitta-me sr. Warrn que lhe diriga uma pergunta? disse o policia amador.

—Essa é boa, senhor Holmes! Faça favor pergunte o que quizer!

—O senhor disse ha pouco. sr. Warrn, acudiu Sherlock Holmes de subito, que o methodo do assassino é sempre o mesmo.

«Constatarem os medicos que o homicida trabalha sempre com o mesmo instrumento, n'este caso, sempre com a mesma faca?

—Posso responder-lhe a essa pergunta com o mais redondo, sim! Temos consultado os mais afamados medicos de Londres.

«Alguns d'elles são da opinião de que só pode ter sido um carniceiro ou um aprendiz do mesmo officio.

«Outros estão em que deve ser por força um medico, visto que o corte era tão perfeito como o das operações de gastrotonia ou ovariotomia.

—As cadaveres faltam certas partes do corpo ou estavam todos completos?

—Estavam completos. Mas em muitos casos tinham as entranhas arrancadas.

—Houve em qualquer d'estes casos o desvio de algum objecto?

—Nunca. Por ultimo foi atacada e morta na Moutgomerystreet a mulher de um inglez rico. Esta senhora tinha consigo uma carteira com 20 mil libras estrelinas e não faltou uma unica nota de banco assim como tambem os objectos de adorno.

Naturalmente empregou um exercito de policias para apanharem Jacques, o estripador, em flagrante?

—E' claro, sr. Holmes. Pode bem calcular que todos os meus agentes de policia estavam encarregados de descobrir o caso.

«Elles vigiavam as ruas durante a noite; foi organizado um serviço de vigilancia muito especial; combinaram-se signaes, sim, ainda fiz mais, muni todas as mulheres publicas de Londres de uns pequenos apitos, que toem um som especial, e disse-lhes: no mo-

mento em que seja atacada, não faça mais nada se não servir-se immediatamente d'esse apito que logo lhe acudirão.

—E houve algum caso em que o signal do apito fosse ouvido antes de se praticar o crime?

—Nunca! foi a resposta de Mr. Warrn, apezar de algumas das assassinadas terem consigo o apito, e de nós lh'o havermos encontrado na algebrilha ou no peito.

N'esta occasião bateram á porta do gabinete elegantemente posto do quartel geral da policia onde teve lugar este dialogo.

—Quem me interrompe? gritou o director da policia, evidentemente aborrecido, não ordenei eu expressamente, que não estou para aturar ninguem, enquanto sr. Holmes estiver?

Dizendo isto o director da policia caminhou para a porta, deu a volta á chave e abriu a porta.

Então entrou um homem esbelto, imberbe e pallido, e curvou-se cortezmente perante o director.

—Oh, é o senhor Murphy! exclamou Warrn, amaciando a voz, o senhor traz-me com certeza alguma noticia importante?

Quando o proprio chefe dos agentes da policia, se dá ao encommodo de vir até aqui, é porque se trata de alguma coisa de importancia.

—Ah, tambem cá está o sr. Sherlock Holmes, o celebre policia amador! exclamou Murphy com um ligeiro movimento de ironia quando pronunciou as palavras celebre policia amador, permitta-me que lhe aperte a mão, meu carissimo amigo.

—Não faça cerimonia sr. Murphy! respondeu Sherlock Holmes, sorrindo. Nós bem sabemos em que pé estamos um com outro. O senhor faz grande gosto em se atravessar n'aquillo em que me metto, e eu devo confessar-lhe já, francamente, Murphy que o senhor para mim não passa de um ignorante.

Murphy riu com esforço.

—Ha ha, uma graça encantadora! exclamou elle. Sr. Holmes, o senhor parece ter alcançado algum novo successo feliz, pois vejo-o bem disposto.

—Estive até agora bem disposto, respondem Holmes, mas não estarei mais no dia de hoje desde este momento em diante, e isto porque o vi, Murphy!

—Os dois antipadas! disse, rindo, o director da policia, o chefe da policia secreta de Londres e Sherlock Holmes, que nos presta tantas vezes os melhores servicos.

«Não leve a mal esta minha observação, Murphy, mas infelizmente ella é absolutamente verdadeira. De resto, o que o traz de novo?

—Uma noticia alarmante, senhor director da policia. Mais um caso. Estamos no 38.

—Como, outra vez Jacques, o estripador?

Murphy fez um signal confirmativo.

—Sim, aqui está uma noz bem rija, que nós temos de quebrar. Tem bons dentes, sr. Holmes? Ajudenos um pouco.

—Eu farei tudo o possivel, respondeu Holmes, mas vamos ouvir, sr. Murphy, o que o senhor traz!

«A cantora Lilian Bell foi hoje á noite assassinada.

—Lilian Bell? repetiu o director da policia precipitadamente, a celebre cantora? A festejada belleza que até era admirada e ovuida na corte da rainha?

Tambem contra ella, contra a festejada primadonna o monstro terá ousado?

—Infelizmente assim é sr. Warrn, confirmou Murphy, e as circumstancias concomitantes são as seguintes: a cantora tinha cantado no Drury Lane-theatre hontem á noite e alcançara um novo e enorme triumpho.

Mudou depois de vestuario no seu camarim, e sahio do theatro com a creada, para se metter no seu trem que a esperava, e que levava todas as noites a cantora para a sua casa, situada na Oxford-street.

De ordinario, a creada acompanhava sempre a sua ama, mas verificou-se que miss Lilian a mandou embora por qualquer razão ao chegar á porta e que sahio sósinha para o carro.

Quando o cocheiro chegou com o *coupé* fechado em frente da casa da cantora, causou-lhe extranheza não ver abrir a portinhola e que a cantora não se aapeasse.

Por fim saltou do boléa, abriu a portinhola e recuou apavorado.

Sobre as almofadas de seda do trem jazia Lilian Bell assassinada, mutilada de uma forma bestial. O policia que foi logo chamado, viu immediatamente, que se tratava de mais um mysterioso assassinato de Jacques, o estripador.

—Um caso desesperado! disse Warrn, enquanto passava a mão pelos cabellos já grisalhos; isto certamente produzirá uma sensação bastante desagradavel, e podemos desde já contar com a costumada campanha da imprensa contra nós.

Infelizmente estou convencido de que ainda d'esta vez continuaremos nas trevas, pois devo confessar que este assassinato é ainda mais mysterioso do que todos os outros 37 casos que já tiveram lugar.

—Isso é que elle é, foi a expressão de que Sherlock Holmes se serviu, d'ali d'um canto do gabinete, onde se havia retirado.

Mas o sr. Murphy conseguirá certamente dissipar as trevas que se accumulam sobre este assassinato.

—O sr. Sherlock Holmes chasqueia, retorquiu Murphy irritado. Tente tambem o senhor a ver se agarra esse patife invisivel do Jacques o estripador. Agarre-o no meio destes cinco milhões de habitantes, e tire cá para fóra o verdadeiro!

—Tratarei d'isso, meu amigo, faça o senhor outro tanto, tratarei d'isso, respondeu Sherlock Holmes, e eu convido-o para um pequeno duello sr. Murphy; tem coragem?

—Coragem para ir ao inferno.

—Pois sim, então está dito! exclamou Holmes, ao mesmo tempo que estendia a mão a Murphy, aperte estes ossos! o senhor tem affirmado muitas vezes que o meu saber é imperfeito e que eu sou favorecido pela fortuna, sempre que consigo encontrar as verda-

deiras pistas, pois bem, nós vamos a ver quem primeiro consegue attingir o alvo.

—Uma especie de concurso entre criminalistas? observou o director da policia, esfregando as mãos de contente, então meus senhores, confesso que de todo o coração dou o maximo do valor a esta aposta, e até estou prompto, a offerecer um premio: 25 garrafas de *champagne*, que nós beberemos juntos, no dia em que Jacques o estripador fór preso.

—Tambem eu estou prompto a aceitar a proposta, declarou Murphy, e aposto mil libras sterlingas em como sou eu que ganho.

—Mil libras sterlingas? perguntou Holmes, *alright* Murphy! eu depositarei, ainda no decurso da manhã de hoje, as mil libras no banco inglez, e espere que o senhor fará outro tanto.

Os dois policiaes apertaram a mão talvez pela primeira vez na sua vida.

—E agora, meus senhores, disse Holmes, ao mesmo tempo que deitava a mão ao chapéu, tenho a honra de os cumprimentar, porque não posso perder um unico minuto que talvez mais tarde me viria a faltar para o que tenho em vista. Sr. Warrn os meus respeitos! Cá vou procurar Jacques, o estripador.

CAPITULO II

O agente de funeraes

O cadaver da linda cantora Lillian Bell não foi transportado para a morgue de Londres, mas sim recolhido em sua casa, em attenção á festejada e conhecida personalidade que ella era.

Ali jazeu ella, provisoriamente, n'um leito largo que estava todo enfeitado com flores.

N'esta occasião estavam ao pé do leito duas pessoas que conversavam em voz baixa acêrca do acontecimento.

Uma d'estas pessoas era um rapaz esbelto, louro, extraordinariamente bello, no qual se via comtudo, os vestigios de uma vida bastante libertina.

O vestuario d'este rapaz era o mais elegante possível.

Ao lado d'elle estava uma linda rapariga dos seus 23 annos de idade, approximadamente; era a creada de Lillian Bell, miss Harriette Blunt.

—Sim, é um horrivel acontecimento, dizia o rapaz, com os olhos nas pontas das suas luvas pretas irreprehensíveis, eu ainda estou absolutamente sob a impressão de horror, que se assenhoreou de mim, no momento em que me disseram o que havia acontecido.

Almocei no meu club, tomei ali um trem e vim para aqui o mais depressa possível.

Minha pobre irmã! Quem poderia jamais suppôr que havias de ter um horrivel fim.

—Eu tambem ainda não estou em mim, ajuntou miss Harriette, e uma torrente de lagrimas jorrou dos

seus olhos... Ah! se eu tivesse vindo tambem, quando hontem á noite ella subiu para o carro!

—Mas eu pedira licença de uma hora a miss Lillian, porque tinha de tratar um negocio particular importante, e bondosa, como ella era sempre, concedeu-m'a immediatamente.

—Mas afinal não a teria podido defender, accrescentou o rapaz, o irmão da morta, pode considerar-se até muito mais feliz em não ter vindo com ella no carro, pois quem sabe, se esse monstro infame, a que chamam Jacques, o estripador, a não teria assassinado a si, tambem.

Miss Harriette extremedeu.

—E agora uma palavra de confidencia, minha querida Harriette, continuou Grover Bell, Harriette não era apenas uma creada de minha irmã, mas a sua companheira e a sua amiga mais intima.

Minha irmã deixou uma fortuna importante. Pelo meu calculo ella deve ter disposto pelo menos d'uma quantia superior a cem mil libras sterlingas. Ella ganhou a cantar uma somma fabulosa.

—Avalia muito approximadamente a fortuna de sua irmã, senhor Bell, e o dinheiro está collocado no banco inglez; é o que eu sei.

—E, naturalmente, existe um testamento em que ella me constitue herdeiro? Eu sou o unico seu parente consanguineo, e se eu estive uma vez por outra em pé de guerra com Lillian, nas occasiões e nas coisas de maior importancia estavam sempre de accordo.

—Na verdade fez testamento, sr. Bell mas o senhor deu-lhe, infelizmente, carradas de razão para ella estar descontente consigo.

—O que quer, minha amiga? Lillian era uma natureza singular. Pretendia para si toda a liberdade, mas exigia de mim uma vida de simples burguez.

—Quem está lá? exclamou Harriette n'este momento e correu para a porta, aqui não pode entrar ninguém. O', meu Deus, o que é isto? Uma figura de negro!

—Não tenha medo miss Harriette, disse Grover e correu para ao pé da rapariga pallida de susto, não ha phantasmas e este senhor vestido de preto terá a bondade de ser breve e de dizer propriamente, o que deseja.

Entre a porta estava uma figura alta magra e negra.

Tudo n'ella era negro: fato e semblante.

Tambem calçava luvas pretas.

—Peço desculpa, disse o desconhecido com voz soturna. Eu chamo-me Josias Wakfield e sou o agente da companhia de funeraes «Requiescat in pace». A noticia da morte da afamada artista miss Lillian Bell, tambem a nós nos impressionou profundamente, e venho para em nome da companhia expressar a nossa mais sincera condolencia.

Ao mesmo tempo tomo a liberdade de apresentar o prospecto da nossa companhia, onde terá a bondade de ver que nós tratamos de enterros de primeira, segunda e terceira classe do mais subido preço ou de preço modesto e muito rasoavel.

O senhor, não terá nada que dizer, se nos entregar todo o serviço. Nos cuidamos de tudo desde o leito de morte até ao tumulo.

—Sim, caro amigo, respondeu Grover Bell, eu não lhe posso dar por ora resposta alguma acerca do enterro de minha irmã, porque não sei quando a autoridade o consentirá.

Primeiramente hade ter logar a autopsia judicial do cadaver e quem sabe, o que terá o audietor por bem ordenar.

—Já me occorreu isso, foi a resposta de Josias Wakfield, mas talvez, em todo o caso, o senhor me possa dar licença que eu tome a medida para o caixão. O senhor terá em todo o caso de fazer certos preparativos, e portanto será bom que eu não tenha de o encommodar mais.

—Está dito, respondeu Grover, em todo o caso encomendaremos um caixão. Entretanto chegue, commigo ao quarto aqui do lado, miss Harriette. Podemos continuar ali a nossa conversa, o senhor não precisará evidentemente de muito tempo para tirar a medida.

—Oh, por Deus! isso faz-se já em poucos minutos, respondeu Josias Wakfield, e puxou diligentemente de uma jarda; façam favor de não se encommodar!

Josias começou a tirar a medida, enquanto Harriette e Grover ainda se iam afastando, e apontou zelosamente os numeros da sua medida n'um velho livro de notas.

Subitamente levantou a cabeça, olhou para a porta escutando, por detraz da qual tinham desaparecido os dois e tirou logo resolutamente a cobertura que estava estendida sobre o corpo da morta.

Examinou com olhar experimentado a ferida mortal, um terrivel golpe que tinha rasgado aquelle corpo branco.

Depois tapou novamente com a coberta a parte inferior do corpo da cantora e ergueu-lhe as mãos.

As mãos claras, cõr de cêra, tinham ainda os anéis com que a cantora se enfeitara na ultima noite da sua vida. Eram anéis de grande valor.

Mas estas joias parece que não despertaram o minimo interesse ao negro Josias.

Elle quiz antes observar as unhas; por isso, esteve mirando nos dedos as unhas finas, cuidadas e cõr de rosa, e ao mesmo tempo dizia baixinho de si para si:

—Nem ume unica partida, nem a mais pequena escoriação. Não houve portanto a mais ligeira luta entre a victima e o assassino.

Alem d'isso tambem podia ter acontecido que Lilian Bell conhecesse o assassino, de maneira que talvez lhe tivesse dado voluntariamente logar no seu trem sem contar que elle a atacasse?

«Ahl... o que é isto? continuou o singular agente um cabelo aqui, debaixo d'esta unha? Parece que seirá da cabeça ou da barba do assassino.

«Depressa, ponhem-lo sob uma lente.

O negro Josias puxou por uma lente com grande ligeireza, poz o cabelo sobre o seu livro de notas e

observou attentamente através do vidro reforçado e limpo.

—Nem da cabeça, nem da barba do assassino, disse elle em seguida, mas da sua cabelleira ou da sua barba postica tambem.

«Este cabelo não provem directamente de um homem, mas sim foi já preparado por um fabricante de cabelleiras; é uma coisa que eu vejo muito bem.

«Então já avangamos um pouco. Jacques, o estripador, usa uma cabelleira e adopta tambem uma barba, quando sae para as suas aventuras sanguinarias.

«Por conseguinte não pode ser um imbecil, como nós tivemos de aceitar pela natureza horivel do assassinato; não é um homem da classe dos bestializados, dos habitantes das baiúcas, nem criminoso que esteja na mais infima degradação. Não, é uma criatura intelligente, mas degenerada!

O agente funerario já se ia a retirar de ao pé do leito, quando de subito se curvou ainda uma vez, rapidamente, sobre o cadaver.

Devia ter ali notado qualquer coisa, que lhe tivesse suscitado o seu mais alto interesse, pois abriu de repente a bocca do cadaver e examinou com toda a attenção os dentes da morta.

Eram os brancos e magnificos dentes que tinham grangeado uma grande reputação em toda a Inglaterra.

Mas parece que o agente de funeraes tinha feito uma descoberta que ninguem teria acreditado em Inglaterra.

Lilian Bell usára um dente postico. Este estava pegado a uma chapa de caoutchouc, porque, n'esse tempo, ainda os especialistas de dentes não tinham conseguido firmar dentes por meio das ornellas nas raizes ou executar trabalhos de ligação e de fixação da corôa.

Realmente este unico dente postico da cantora Lilian Bell estava tão artisticamente feito que a ninguem até então viera a idéa de que nos admiraveis dentes de perola da artista houvesse um defeito tão desagradavel.

O agente funerario metteu a mão cautelosamente dentro da bocca da cantora e extrahiui a chapa e o dente postico.

Observou tudo cuidadosamente, e tornou a puxar a toda a pressa pela sua lente, pondo tambem a chapa de caoutchouc sob o vidro biconvexo.

—Não me engano? dizia baixinho o agente funerario para comsigo, não, a este respeito não me posso illudir.

Esta fina camada dourada, que a chapa do ceu da bocca apresenta, Miss Lilian Bell foi uma fumadora de opio. Mas como a experiencia tem mostrado, são muitos os crimes que saem dos antros de opio que estes infelizes frequentam, e porque esta é tambem a unica via, sobre a qual miss Lilian Bell, a notavel cantora, se pode ter relacionado com elementos criminosos, vou lá pôr tudo em acção, esta descoberta satisfaz-me.

E o agente da companhia de funeraes «Requiescat

in pace» tornou a metter o dente postigo na bocca do cadaver para que ninguem mais pudesse descobrir a imperfeição que havia nos dentes de perola da linda cantora, e em seguida retirou-se do pé do leito com um sorriso bastante singular.

Então escorregou-lhe a pequena lente da mão e cahiu-lhe no tapete.

—Ah, que desastrado que eu sou, exclamou o agente de funeraes,—lá me rolou agora a lente para debaixo da cama. Vou apanhá-la já d'um prompto, antes que voltem a creada e o rapaz.

Curvou se, estendeu o seu magro corpo e olhou para debaixo da cama.

Logo depois fez um pequeno movimento e disse de mansinho:

—Salte cá para fóra, querido amigo, não esteja mais tempo mettido debaixo da cama, está descoberto!

Ouviu-se então um sussurro por detraz do leito em que jazia a cantora, mas o agente de enterros deitou immediatamente a mão, apanhou a perna d'um homem, puxou por ella, e seguiu-se-lhe um corpo. Era um homem que ali estivera escondido.

Era um vagabundo miseravel e porcamente vestido, com cabelo ruivo em desalinho e barba toda, tambem ruiva. Como é fóra de costume, o homem não fez deligencia de fugir, mas dirigiu-se logo ao agente de enterros, quando este o deixou um pouco mais livre, e disse-lhe em voz baixa.

—Querido amigo não faça barulho com isto, eu não quero roubar nada aqui, apezar de me ter cá introduzido ás occultas.

«Trata-se absolutamente, d'outra coisa, que eu não posso explicar-lhe, mas tome lá esta nota do banco e siga o seu caminho, sem se preoccupar mais commigo.

—Querido amigo de cabellos ruivos, respondeu o agente de funeraes com branda voz, não imagine que eu me vendo por uma nota de libra.

«Eu dou já o signal de alarme, ou o senhor põe já para aqui dez libras esterlinas.

—Canalha! explodiu o homem dos cabellos ruivos, como elle me entala, mas não ha outra coisa a fazer, para mim está tudo em não ser descoberto n'esta casa. Meu amigo, aqui tem as suas dez libras esterlinas, e ponha-se d'aqui para fóra o mais depressa possivel.

O agente da companhia de enterros, recebeu tranquillamente as dez libras esterlinas, tirou da algibeira um sobrescripto vasio e metten dentro d'este a nota do banco.

Escreveu depois uma palavra a lapis no sobrescripto.

—O que está o senhor a fazer? de que está o senhor a tomar nota ahí, no sobrescripto? perguntou o homem do cabelo ruivo.

—Tenho muito prazer em lhe mostrar, respondeu o outro, olhe para cá. As poucas palavras que estão no sobrescripto dizem:

—Dez libras sterlinas para os pobres de Londres recebidas no dia de hoje de Murphy, chefe da policia secreta londrina.

—O' ceus! o senhor conhece-me? foi o que difficilmente Murphy poude dizer espantado, furioso, ao mesmo tempo que involuntariamente agarrava a sua cabelleira e barba, ambas ruivas, como se quizesse certificar-se de que estas ainda lhe cobriam a cara e a cabeça. Homem, como vos vem á idéa, que eu...

—Não se preocupe com isso, meu caro Murphy, respondeu o agente funerario com um ligeiro sorriso, assim que eu lhe agarrei o seu pé direito, ali, debaixo da cama, logo vi que não podia ser outra pessoa.

Eu já notei ha muito, que o senhor tem um grande calo no dedo pequeno do pé direito, e que elle fica bastante saliente no rosto da sua bota.

Agora, desejo-lhe muito boa fortuna ás suas importantes delencias. Deixo-lhe já todo o campo livre; fique para ahí em paz, deite-se outra vez debaixo da cama, durma, esteja acordado, faça o que muito bem quizer, eu não o encomodarei mais aqui, mas, realmente, regosijo-me de todo o meu coração, por ter recebido d'esta forma dez libras esterlinas para os pobres de Londres.

Murphy quasi que estoiron de furia.

Cerrou os punhos, e os seus labios a custo emitiram estas palavras:

—Homem... diabo... já presinto quem és... és...

—O vosso muito dedicado Holmes, o policia amador, disse o outro rindo e... n'este momento desapareceu do quarto.

CAPITULO III

Na casa de opio

A entrada do opio, esse succo leitoso, depois de secco, que é tirado das capsulas por amadurecer das papoulas, tem um servico rigoroso de fiscalisação em todos os Estados civilizados.

Ha muito que se sabe que o opio é, de facto, a mais importante droga e medicamento que ha, mas que, ao mesmo tempo, é tambem um veneno nocivissimo, cujo abuso tem custado já um sem numero de vidas.

O desenvolvimento do prazer do opio na Inglaterra data do decimo quarto anno do seculo passado.

Desde então, ha em Londres principalmente, um grande numero de antros de opio, que são muitas vezes frequentados por gente da primeira sociedade.

Mas como ao vicio de fumar opio está associado um certo desprezo da parte da outra sociedade, então este só se pratica com o maior recato; e homeus distinctos e senhoras, de quem o demonio do opio tomou conta, introduzem-se furtivamente e em segredo, ás vezes até com vestuario disfarçado n'aquelles antros miseraveis, afim de lá passarem uma noite imersos em sonhos espirituaes, em visões extravagantes, que os extasiam, mas aos quaes se segue um despertar desagrabilissimo.

Logo que Sherlock Holmes fizera a descoberta de que Lillan Bell fôra uma fumadora de opio, correu a casa e mudou de fato. Despiu o fato negro de agente funerario e vestiu-se elegantemente.

Escondeu os seus cabellos debaixo da nova cabelleira escura, adoptou depois umas suissas pretas, poz na cara um pouco de pintura branca, de fôrma que ella dêsse uma impressão doentia, e carregou por fim ainda mais a pintura, applicando um pouco de cinzen-to sob os olhos.

Não se contentou ainda só com isto. Tirou d'uma caixa que elle sempre conservava debaixo de chave, um pequeno frasco, e irrigou os olhos com aquelle liquido.

O policia amador foi comtudo muito cauteloso n'essa operação, e só se serviu d'uma pequena quantidade d'este liquido. Pois era belladonna, um veneno, que em certas circumstancias pode produzir a cegueira, se fôr usada em excesso.

Tendo irrigado os olhos cautelosamente, ficaram-lhe por isso, com um brilho muito especial e singular, um tom que só a febre produz.

—*By Jove*, sr. Sherlock Holmes, exclamou Harry Taxon, que entrou justamente n'aquella occasião, e viu tão de subito na sua frente o seu mestre assim disfarçado, o senhor parece um morto em pé.

Ou dizendo melhor, um homem que fosse de repente atacado por uma febre violenta.

—Obrigado, meu querido amigo, por me dizeres isso, respondeu o notavel policia amador a rir, é isso justamente o que eu desejo parecer.

«Olha bem para mim, tens aqui alguma coisa a apreender.

«Este meu aspecto, é o aspecto de todos os fumadores de opio, homens que ha muito se metteram n'este desgraçado vicio.

—É para onde vos dirigis n'esse estado?

—Evidentemente, vou ficar toda a noite fôra de casa, respondau Sherlock Holmes, ao mesmo tempo que guarou um revolver e uma faca.

«Mas não me sigas, Harry, é melhor esperares por mim toda a noite n'esta sala.

Dizendo isto, Sherlock Holmes apertou a mão ao seu moço companheiro e sahio immediatamente de casa, pois elle não queria que Mrs. Bonnet o visse com este disfarce.

Sherlock Holmes largou a passo rapido o caminho para o Tamisa.

Passou a ponte junto da Southwark-street e chegou á Tooleystreet.

Esta era uma rua muito comprida e estreita, em que ainda havia muitas construcções antigas.

Sem fazer o minimo caso dos vagabundos suspeitos que enchiam a rua, continuou o policia amador o seu caminho, até que chegou a uma casa de dois andares da Tooleystreet, que era, sem duvida, uma das mais antigas d'esta rua.

Na fachada d'esta casa corria ao longo do primeiro andar uma galeria de madeira, que se apoiava em columnas tambem de madeira.

Logo que Sherlock Holmes chegou á porta d'esta casa, puchou a campainha, e a porta abriu-se quasi de seguida.

Um negro com um librê phantastica veio-lhe ao encontro e perguntou-lhe o que desejava.

—Desejo fallar a madame Cajana, respondeu Sherlock Holmes e sem fazer nem mais uma pergunta, conduziu-o o negro para um quarto do rez-do-chão que estava mobilado com pallida elegancia.

Sherlock Holmes não esteve muito tempo sosinhoa

Pouco tempo depois abriu-se uma pequena porta e entrou, ali para dentro, uma mulher vestida á eu ropêa de 30 annos de idade aproximadamente, mas na qual logo se percebia á primeira vista que devia ter nascido sob um sol ardente.

—Deseja fallar-me, meu senhor? perguntou Cajana, a proprietaria d'esta casa, em mau inglez, o que quer?

—Fumar opio.

—Oh! quem lhe disse que pode fumar opio em minha casa? replicou madame Cajana em tom de indignação.

«Não, meu senhor; pelo que ouço o senhor dispoz deixou-se comer por tolo. Adiante.

—Madame, não me comeram por tolo, respondeu Sherlock Holmes. Todavia se tem talvez sua duvida sobre se eu estou acostumado a fumar opio, creioqu, desde que olhe bem para mim logo a dissipará.

—Sim, meu senhor, os vestigios estão todos ahi, o senhor não pode enganar. E' dos nossos.

Mas o senhor sabe de certo, que nós temos de todo o cuidado, porque o ter uma casa de opio é cousa muito severamente prohibida em Londres, e se eu estou em bom pé com a policia do bairro, da parte do quartel geral andam me constantemente no encalço, e recio sempre que um policia secreta se possa introduzir aqui furtivamente.

—Ah, madame, respondeu Sherlock Holmes, eu desejava que fosse realmente assim, isto é, gostava de não ser um fumador de opio.

Soffro horrivelmente e dava tudo quanto tenho no mundo para me deshabituat, mas não ha meio, não tenho força para isso.

Eu preciso de opio, ouve, madame? Eu preciso já, já, traga-m'o a um dos quartos, dê-me esse doce veneno, senão indoeço.

—Por Brahma, disse madame Cajana, mulher d'origem indiana, sorrindo, o senhor mal pode esperar, um momento.

O senhor come ou fuma opio?

—Fumo, sómente, respondeu Holmes.

Diga-me depressa, madame, quanto tenho a pagar?

—Cinco libras esterlinas, foi a resposta da proprietaria da casa de opio, e Sherlock Holmes logo puxou da sua carteira e entregou á mulher a quantia exigida.

Terminadas com isto as formalidades, a proprietaria da casa de opio fez signal ao seu cliente, para que a seguisse.

Elle conduziu o da sala de recepção, por uma pas-

sagem comprida e frouxamente illuminada para a parte detraz da casa.

Aqui entraram n'uma grande galeria para a qual davam umas dez portas.

Madame Cajana abriu uma d'essas portas e fez entrar o seu cliente.

O quarto era comprido e estreito e tinha somente uma janella, fechada por meio de umas persianas.

No quarto havia um divan largo, que estava ali, precisamente para os fumadores de opio se poderem estender commodamente sobre elle.

—Sabe servir-se a si mesmo, meu senhor? perguntou madame Cajana, ao mesmo tempo que sob uma pequena reservatorio accendia uma chama de alcool.

—Ou deseja que eu fique comsigo aqui até estar adormecido.

—Ser-me-hia mais agradavel a segunda, respondeu Sherlock Holmes. Eu soffro sempre nos primeiros estados de grandes excitações e por isso não gosto de ficar só.

—A coisa é aliás muito simples, disse madame Cajana. Logo que a agua ferve deita-se o opio lá dentro afim de que se dissolva na agua.

Por meio deste pequeno apparelho filtra se depois e evapora-se o soluto.

O senhor deite a cabeça sobre esta almofada e tome algum opio com este instrumento e fôrma de agulha.

Em seguida conserve-o na chamma e puxe o fumo até ao pulmão por meio de uma ou duas inspirações.

Se precisar d'uma dose mais forte, repita esta manobra mais vezes.

—Tudo isso sei eu, madame, respondeu Sherlock Holmes, enquanto se dirigia vagarosamente para a porta, como se quizesse interceptar por ali a passagem a madame Cajana.

E tambem, eu não vim aqui propriamente, para que a senhora me ensinasse como se fuma opio, mas para lhe fazer uma outra pergunta.

Madame Cajana voltou cheia de surpresa, pela forma como o seu cliente lhe tinha fallado de subito, e ficou desconfiada.

—Socegue, madame, disse o celebre policia amador, se a senhora gritar e chamar pelos seus, está perdida.

«Nesse caso prendi-a, immediatamente.

«Responda-me fielmente a verdade ás minhas perguntas e pode estar certa de que eu não denunciarei o segredo da sua casa.

Eu sou o policia-amador Sherlock Holmes.

Madame Cajana vacillou, e cahiu aterrorisada sobre o divan.

«Ainda lhe repito mais uma vez, madame, exclamou Sherlock Holmes, collocando-se mesmo com ella, que a senhora não tem absolutamente nada a recear, mas não hade mentir-me.

—Então, o que quer o senhor que eu lhe diga? disse a custo, madame Cajana, cheia do pavor, peço

que não me desgrace. Toda a minha fortuna está n'esta casa, fico arruinada, se...

—A senhora hade continuar a fazer aqui tranquillamente o seu negocio, affirmou-lhe o policia amador, de que serviria fechar-lhe o seu estabelecimento, se immediatamente botariam do chão como cogumellos, dez outras casas de opio.

Mas diga me, a cantora Lillian Bell frequentou a sua casa?

—O' meu Deus, o que exige o senhor de mim?

«O senhor sabe, naturalmente, que o primeiro de ver da proprietaria d'uma casa de opio é nunca denunciar o nome dos seus freguezes.

—Eu pergunto-lhe ainda uma vez mais, a cantora Lillian Bell frequentou a sua casa? Fumou aqui opio? perguntou Sherlock Holmes com voz severa.

—Que ella foi uma apaixonada fumadora de opio, sei eu, disto tenho eu provas que fallam bem claro.

—Pois seja; ella frequentou a minha casa.

—Achava-se já n'um estado adiantado de paixão pelo opio?

—Não, meu senhor, isso lhe juro eu, eu só conheci a cantora ha poucos mezes.

—Quem a trouxe aqui?

—Veiu com uma recommendação que eu tinha de respeitar absolutamente. Porque asseguro-lhe sr. Holmes que eu não recebo qualquer. O senhor mesmo sabe quão receosa eu fui com relação a si.

—Isso é verdade e, por isso, faço eu tambem idéa de que a recommendação que lhe trouxe a cantora devia ser de bastante importancia.

E como o que me interessa saber é comquem miss Lillian Bell estava relacionada, a senhora já sabe certamente pelos jornaes que a infeliz foi assassinada, quero por esta mesma razão que me diga sem evasivas quem poz miss Lillian em relação comsigo.

Madame Cajana torceu as mãos.

—Já vejo que o senhor me arrancará todos os segredos; é fazer além disso impossiveis, balbuciou ella depois, senhor Holmes, eu offereço-lhe dinheiro, 500 libras esterlinas.

—Não me falle em dinheiro, interrompeu a o policia amador, suppõe que pode corromper Sherlock Holmes?

Se eu tivesse querido receber dinheiro pela minha discreção, seria talvez agora já um dos homens mais ricos de Inglaterra!

Mas não ha mortal que se possa gabar de ter cerrado os meus labios com uma nota de mil libras.

«Comtudo, eu repito mais uma vez e, decerto, pela ultima:

«Se me disser toda a verdade sem reserva poderá continuar o seu negocio sem ser incommodada; eu, pelo menos, não lhe causarei o menor transtorno.

—Então diga lá, suspirou a indiana.

O que quer o senhor saber?

—Que recommendação lhe trouxe miss Lillian Bell, quem era esse que chamou a attenção da cantora para a sua casa de opio?

—Foi o doutor indio.

—O doutor indio? Que, é um dos seus companheiros?

Miss Cajana abanou a cabeça.

—Não, elle não nasceu na India, mas tem vivido sempre na minha patria, e eu propria não estou mais senhora da minha lingua do que elle.

—Portanto, um branco?

—Sim, um branco, um douto medico. Elle já me tem enviado muitos freguezes, ou para melhor dizer, muitas...

—Um medico gentil, commentou Holmes, que recommenda o fumo do opio como um dos remedios infalliveis para a dôr de estomago.

—Sabe como elle se chama?

—Juro-lhe, sr. Holmes, que ignoro o seu nome, apenas sei que o tratam por doutor indio.

Mesmo elle quasi nunca vem a minha casa, e quando deita até cá, não fuma nem come opio, mas apenas observa.

Elle tem o direito de entrar em cada um dos meus quartos, porque é um homem muito influente e tem-me prestado muitos serviços importantes.

E se eu lhe assegurar que...

Madame Cajana sustou n'este momento o curso das suas palavras, pois chegára aos seus ouvidos e aos de Holmes um som singular, vindo atravez do tabique.

Holmes conheceu este som.

Era um doce suspiro, como o dá uma mulher nova, embriagada pelo opio, um suspiro que parecia denunciar toda a ventura dos sonhos do opio.

—Quem está no quarto aqui do lado? perguntou Holmes, uma mulher nova sem duvida.

—E' certo; mas não sei como se chama. Creia, sr. Sherlock Holmes, eu não sei quem ella é; eu não pergunto o nome a ninguém que venha a minha casa.

—Tenho a certeza de que a senhora não faz isso, interrompeu Sherlock Holmes, assim como estou convencido de que manda seguir por um espião cada freguezia, quando ellas deixam de madrugada a sua casa, para averiguar quem foi a criatura que passou a noite a fumar opio em sua casa.

E' coisa sabida; o seu negocio está por vezes ligado a exações que dão quasi sempre muito bom resultado.

—Senhor Holmes, o que pensa o sr. de mim? Eu faço o meu negocio honesta e honradamente, e nunca commetti uma exação, Santo Deus! o que foi isto?... Onviu tal coisa a meu respeito, sr. Holmes? Que grito horroroso e... agora...

—Um estertor! foi a palavra que veio á bocca de Sherlock Holmes, um estertor, como só o pode ter uma pessoa ao expirar! Madame Cajana, parece que por detraz d'aquella parede se está passando alguma coisa horrivel. Depressa, depressa, siga me, temos de lá entrar já... ah! ainda outro, um grito, e agora...

Ouve-se o estalar de uma janella, um ruido extranho, e áspero, e depois... novamente tudo silencioso.

Holmes abriu como um relampago a porta que dava d'aquelle gabinete para a casa do opio; correu pa-

ra a porta do quarto que estava fechada e tentou abri-la.

—A porta está fechada! Depressa, madame Cajana, abra!

A proprietaria da casa de opio puxou por um molho de chaves, e procurou no meio d'ellas a d'aquelle quarto; mas isto levava muito tempo para Sherlock Holmes.

O policia amador atirou-se então com toda a força do seu corpo de encontro á porta, e conseguiu de facto arrombá-la.

N'um instante saltou no pavimento do quarto, e logo um grito lhe acudiu aos labios.

—Ali sobre o divan, uma mulher nova e fermosa... assassinada... com o corpo estripado! Jacques, o stripador, estava aqui! exclamou o policia.

CAPITULO IV

O salto no comboyo a andar

Isto foi a unica revelação que sahio dos labios do policia amador.

Elle não se importou com madame Cajane que cahiu por terra sem sentidos; apenas lançou um rapido olhar para a infeliz, que jazia sobre o divan, mergulhada no seu proprio sangue, e viu que era já muito tarde para qualquer soccorro humano.

Mas depois poz-se na perseguição do criminoso, com a paixão do caçador, que está resolvido a não deixar d'esta vez escapar a sua presa.

Sherlock Holmes viu immediatamente o caminho que Jacques, o estripador, teria tomado para a fuga.

O miseravel tinha, depois de praticar o horrivel assassinato, despedaçado a janella e havia escapado pela galeria de madeira que, como Sherlock Holmes agora notava, não só se estendia ao longo da frontaria da casa, mas tambem se abria em volta de todo o edificio, assim como por detraz.

O policia amador não hesitou um momento; met-teu logo pelo mesmo caminho.

Como o relampago galgou pela janella para a galeria, e uma vez ali, viu... um grito de triumpho sahio dos seus labios... o assassino estava enroscado sobre o parapeito, sem arriscar o salto para baixo.

Era uma noite de luar, a luz do astro da noite brilhava bastante clara para se poder conhecer o monstro.

Mas a principio Holmes não poudo ver senão que o homem não era de grande estatura nem de hombros largos, que estava coberto por uma capa comprida... certamente um impremeavel, como a gente na Inglaterra gosta de usar e que tinha na cabeça um barrete *sport* e umas botas elegantes nos pés.

A cara do homem não se podia reconhecer, porque estava voltada para o outro lado.

Pareceu contudo a Holmes que elle tinha uma grande barba escura.

O policia amador teve todas estas impressões em menos de um segundo, pois elle não era homem para ficar parado sem acção, desde que se tratasse de estender o mão para apanhar um criminoso.

—Rende-te monstro! gritou Sherlock Holmes, agora cahiste-me nas unhas... Jacques, o estripador, estás preso?

Holmes precipitou-se sobre o miseravel que parecia estar encolhido, a tremer sobre o peitoril da galeria.

Mas no mesmo momento... Soou então um silvo agudo, depois um ruido e o retinir de rodas de ferro que rodavam rapidamente sobre os rails e em seguida...

Um comboio da South-Eastern-Railway surgiu deante d'elle... um comboio que seguia sobre a muralha que estava a poucos passos do lado de traz da casa...

—Patife! que vaes tu fazer? rugiu Sherlock Holmes, quando viu que o criminoso subitamente se endireitava um pouco no peitoril e se preparava para o salto.

—Quieto... ou faço fogo! Se não te puder ter vivo, ter-te-hei morto a meus pés!

Holmes ouviu como resposta um riso desdenhoso da bocca de Jacques.

O criminoso ergueu-se de repente como um relampago, e antes que Holmes pudesse agarral-o e apoderar-se d'elle, já se dera o caso—incrível, mal se percebe como! O espectro de ainda ha pouco, enfiava agora, de cabeça erguida, pela janella aberta d'uma carruagem do comboio que justamente passou por ali n'aquella occasião.

Holmes ficou ali um momento como entorpecido.

Elle já tinha perseguido muitos criminosos, muitos homens que se haviam portado com uma extraordinaria presença de espirito, e tinha tido occasião de observar, que não ha nada que seja difficil ou impossivel a um criminoso n'uma situação desesperada, quando se vê perseguido e quer fugir á prisão.

Elle tinha já presenciado muitos lances temerarios, mas este salto do peitoril da galeria para o comboio que passava silvando, o salto, executado com tal destreza e desprezo pela morte, era contudo a coisa mais assombrosa que elle até aqui tinha tido occasião de observar.

O comboio appareceu ao longe.

Nada se via já d'elle senão ligeiras nuvens de fumo que ainda pairavam em volta de Holmes, e que davam testemunho de que realmente passara por ali um comboio.

—Meu Deus, disse Holmes de si para si, esta fuga desperta-me quasi admiração pelo miseravel. Mas trata-se de um homem positivamente ao facto de que está irremediavelmente perdido, se não se arrisca ao maximo.

Desta vez escapou-se-me, entretanto vi-o, e sou o unico mortal em Londres que se pode gabar de ter visto com os proprios olhos, Jacques, o estripador.

E porque isto era extremamente importante para

Holmes, tratou de fixar bem a imagem d'este criminoso.

Assim, um homem nem muito alto nem reforçado, coberto por uma capa comprida e escura, com um barrete na cabeça e uma barba cerrada.

Holmes tinha idéa de ter visto os seus olhos no momento em que o monstro se tinha arriscado áquelle salto espantoso. Olhos singularmente grandes e ardentes, que estavam cheios de uma expressão de desprezo pelo mundo e de imprudencia.

Holmes caminhou depois para o peitoril da galeria e examinou o logar onde o criminoso estivera acocorado.

Podia ter ali perdido alguma coisa, um objecto que apparecesse, embora de pouca importancia, podia ser de valor para a perseguição do criminoso.

Todavia nada, absolutamente nada, se podia encontrar,—Jacques, o estripador, escapara-se bem limpamente da galeria e não deixara ali vestigio algum da sua pessoa. E, enquanto o policia amador ainda procurava qualquer vestigio, já com certeza o miseravel se encontrava em completa segurança, pois quem sabe, até onde o teria levado o comboio.

O criminoso deixará a carruagem em qualquer outra parte de Londres, disse Sherlock Holmes para comsigo, e, mesmo que no salto tenha dado algum tombo, não deverá ter sido a ferida ou contusão tão grave que não consiga fugir com rapidez.

Como Holmes não podia pensar em perseguir mais, n'este momento Jacques, o estripador, tornou a introduzir-se pela janella no gabinete, em que se havia dado o terrivel assassinato.

Madame Cajane tinha voltado a si do seu desmaio, e todo o pessoal da casa tinha vindo ao encontro da sua gritaria.

Um certo numero de mulheres, o negro, que era o guarda-portão, e mais dois creados haviam entrado no gabinete.

—Depressa, saia tudo d'aqui d'este quarto! gritou Holmes, logo que lá tornou a entrar, madame Cajane fique, sómente a senhora, aqui.

O pessoal da casa de opio olhou, todo espantado, para Holmes, mas elle estava com um ar tão impetuoso de fronte d'aquella gente, que ninguém se atreveu a ir contra a sua ordem.

Depois dos curiosos se afastarem, Holmes fechou a porta e aproximou-se do divan sobre o qual jazia a mulher tão horrevelmente assassinada.

Elle inclinou-se profundamente sobre o cadaver.

O rosto que elle viu, era tão suave e encantador que nem a morte tinha podido transformar a juvenil expressão d'aquellas feições emolduradas em madeixas de cabello louro fulvo.

A morta vestia uma camisa de rendas, que naturalmente, estava manchada de sangue.

O olhar penetrante de Sholmes descobriu immediatamente um bordado fino na camisa; sobre este bordado as iniciaes d'um nome e sobre estas uma corôa.

—Madame Cajana, voltou-se o policia amador para a dona da casa, conhece a morta?

—Não a conheço, respondeu a indiana soluçando, oh! meu Deus, agora tudo acabou para mim, agora fechar-me-hão a minha casa de opio porque se deu aqui este horroroso crime, mas eu jure-lhe sr. Holmes.

—Não jure? não continue com os seus protestos e vamos ao que importa; responda-me ás perguntas que vou dirigir-lhe:

—E' a primeira vez que vem a sua casa de opio esta mulher, cuja idade eu calculo em cerca de 20 annos?

—Não. ella já cá estivera quatro ou cinco vezes

—N'estes ultimos tempos?

—No decorrer do ultimo mez.

—Fumou opio? perguntou Sherlock Holmes, como vê o machinismo está friio.

—Ella apenas se deixava conduzir para o seu gabinete e declarava que já sabia como tudo se fazia. Nunca consentiu que qualquer de nós ficasse com ella. Ella fechava sempre a porta depois de entrar, não é verdade?

—Sim, fazia sempre isso. Naturalmente não sabia que tenho chaves para todas as portas e que posso entrar, sempre que o deseje.

—Entrou alguma vez, enquanto esta infeliz aqui estava?

—Não, nunca!

—Só verificava de manhã se o opio tinha diminuido.

Alem d'isto em mais nada me preocupava com ella,

Notei que ella fumava opio, ainda que deva confessar que não percebi n'ella o mais leve indicio da paixão do opio.

Holmes voltou voltou subitamente as costas a madame Cajane, caminhou de novo para a janella, saltou para a galeria e d'ali olhou para baixo.

—Sabe madame Cajane, disse elle depois, quando voltou para o gabinete, que eu creio firmemente, que esta infeliz não vinha a sua casa por ser uma fumadora de opio, mas por lhe convir muito mais receber neste gabinete qualquer visita, com quem ella só por esta forma se podia juntar.

—Sim, mas, nós teriamos visto essa visita! Em minha casa ha só uma entrada, e o negro, o guarda-portão, ter-lhe-hia perguntado, para onde ia.

—Não é bem assim, respondeu Holmes, veja a galeria está sómente a oito metros da rua, e um homem pode trepar muito commodamente para a galeria se lhe lançarem um corda ou uma escada de corda, e d'ali vir para este gabinete pela janella.

Mas, tambem pode ser, não é lá muito acceitavel que Jacques, o estripador, fosse aquelle cuja visita ella aqui esperava.

A minha opinião é porém, que o homem a quem o povo conhece sob o nome de Jacques, o estripador ouviu e teve conhecimento de que esta senhora espe-

rava aqui de noite uma visita e que aproveitou a occasião portanto para a apanhar e a matar.

—Mas para que havia de a matar? perguntou madame Cajane, torcendo os mãos.

—Quem sabe os verdadeiros motivos d'este facinoroso? respondeu Holmes.

—Em todos os casos se tem sempre observado que Jacques só mata mulheres e raparigas que se entregam a um modo de vida desregado.

Com esta bem se vê já que ella ia por mau caminho, aliás não se acharia aqui na sua casa.

E agora, madame Cajane, faça favor de me dar o vestuario da victima, ella está em camisa, ha-de portanto ter-se despidido.

Cajane abriu um pequeno armario da parede.

Estava ali toda a *toilette* que a morta trouxera, quando entrou na casa do opio.

A *toilette* constava, como Holmes constatou, de um vestido *tailleur* moderno, de cheviote azul escuro, de uma blusa appropriada ao costume que estava guardada de finas rendas, de um chapéu com pluma azul e de duas saias de baixo brancas, que tinham as mesmas iniciaes com a corôa, como a camisa.

Mas estas iniciaes eram um Y grande e um M grande, e com relação á corôa verificou Holmes, depois de a ter observado rigorosamente, que era uma corôa franceza de conde.

Então tratou Holmes de ver o que havia nas algibeiras do vestido.

Encontrou n'ellas uma bolsa com algumas moedas de ouro, um pequeno estojo que continha um espelho e uma caixa de pó, e um lenço finissimo.

—Isto nada ellucida, disse de si para si Sherlock Holmes, dê-me tambem para aqui o calçado elegante que a morta trazia.

Era um calçado preto de verniz com os canos amarelos, que então era muito moda. Era do pé mais pequeno que se pode imaginar.

Para evitar confusões, Holmes comparou o pequeno pé da morta com as botinhas encantadoras, e concluiu que o calçado devia ter pertencido sem duvida alguma áquella formosura ali assassinada.

Quando Holmes virou uma das botinhas para a examinar bem, descobriu da sola uma marca feita a ferro em brasa.

—Ahl é fabrico da filial parisiense da Hovards-treet, exclamou elle, Lavrin & C.^a, espero ámanhã já estar porfeitamente orientada sobre a identidade da morta.

—Ahl agora me lembro, Lavrin & c.^a pertence áquelles estabelecimentos que estão abertos á noite, levo o calçado commigo e saberei immediatamente, quem foi que assassinaram em casa de madame Cajane.

—E u eu heide fazer? exclamou Madame, devo dar parte á policia?

—Dar parte á policia? Naturalmente, respondeu Holmes, mas espere ainda uma hora, depois eu Cajane, proprio tratarei d'isto com toda a certeza.

—Feche o gabinete e dê-me a chave, para que

ninguém possa aqui entrar. Também as persianas têm de ser fechadas. E' preciso não se bolir, nem mudar nada ao cadáver, pois é da maior importancia que tudo se conserve no mesmo estado em que se acha presentemente!

Logo depois Holmes deixou a casa de opio. Escondeu as botinhas na algibeira da sua capa, e deixou a Tooleystreet o mais depressa possível, tomou um carro e seguiu para a Howardstreet.

Um certo numero de estabelecimentos tinha conseguido ha pouco tempo arranjar o poder estar aberto durante a noite.

Serviu isto mais de reclame do que realmente para a venda, e o grande armazem de Lavrin & C.^a, a filial parisiense, da Howardstreet, estava brilhantemente illuminada, quando Sherlock Holmes lá chegou. Mas não estava lá o pessoal completo como de dia. Sómente o director do armazem, mas elle podia dar a informação de que Sherlock Holmes carecia.

—Tem a bondade, disse Holmes depois de se ter apresentado ao director do estabelecimento francez, veja este calçado, é de seu fabrico?

—Sem duvida, meu senhor..

—Foi aqui comprado, no seu estabelecimento?

—E' fóra de duvida que foram fornecidos por nós.

—Talvez o senhor me possa dizer a quem vendeu este calçado?

—Impossivel, de nossa casa sae sempre uma infinidade de calçado, que nós não podemos dar informação alguma sobre quem comprou um determinado par de botas ou de sapatos.

—Era para mim, porém, de grande importancia saber para quem fabricou o senhor este calçado, visto que elle foi feito evidentemente de encomenda.

—Com toda a certeza que foram, exclamou o director do armazem.

Não temos calçado feito para um numero tão baixo, miss Daisy tenha a bondade de chegar aqui por um momento. Lembra-se por acaso para quem mandamos fazer este calçado?

Appareceu uma caixeira que examinou as botas e logo disse:

—Parece-me que sei. Com este numero em Londres onde se faz calçado para pés grandes, só ha uma pessoa. Foi a condessa Irène Malmaison, quem encomendou as botas e a quem nós as fornecemos.

A condessa Malmaison, repetiu Sherlock Holmes, essa é, se bem me lembro, uma dama que pertence á colonia franceza de Londres.

—Uma senhora muito distincta, disse o director do estabelecimento, que já ha muito tempo é nossa fregueza.

—A condessa é casada, ou...

—Oh! não, que idéa! ella é uma rapariga de dezenove a vinte annos o maximo.

—Diga antes, meu senhor, era uma rapariga de vinte annos, repetiu Holmes, pois a joven condessa já não existe.

—Morreu? proferiu a custo o director do armazem.

—Não, assassinaram-n'a! respondeu Sherlock Holmes.

—Em seguida, para evitar mais largas perguntas, Sherlock Holmes sahiu do elegante armazem de calçado de Lavrin & C.^a.

CAPITULO V

Um pae inflexivel

—Faça favor de me seguir, o senhor conde quer recebel-o apezar da hora impropria.

—Estas palavras dirigiu-as um creado da casa do conde de Malmaison a Sherlock Holmes, que cerca da meia noite tinha puxado a campainha d'aquella residencia distincta, occupada pela familia franceza no oeste da cidade.

Sherlock Holmes tinha já tirado da cara a pintura, tinha arrancado a cabelleira e apresentou-se com o seu verdadeiro typo.

O creado conduziu-o para a sala da bibliotheca que estava illuminada por uma lampada verde de suspensão e pediu-lhe para esperar ali um momento.

Alguns minutos depois abriu-se a porta do lado e o conde de Malmaison entrou, apezar da hora avancada da noite em *toilette* irreprehensivel, uma genuina figura aristocratica.

O conde conservava na mão um cartão qe visita, que elle observava meneando a cabeça:

O policia-amador Holmes, murmurou elle, ao mesmo tempo que examinava surprehendido o desconhecido, postado na sua frente, com que o senhor é de facto, o notavel policia-amador? Eu já tenho ouvido fallar com grande admiração da sua pessoa, e tenho muito paazer em o conhecer. Comtudo não posso deixar de lhe manifestar o meu espanto, por ter escolhido esta hora para me visitar. Fallando francamente, não percebo bem o que o pode ter trazido á meia-noite até aqui.

—Senhor conde, respondeu Holmes, infelizmente, é um negocio muito doloroso que me traz á sua presença.

Peço-lhe para não se assustar, e para assumir toda a sua coragem e firmeza, deu-se uma desgraça com sua filha Irène.

—Com Irène, com minha filha? exclamou o conde, profundamente consternado, mas como é isso possível? Irène acha-se desde as nove horas no seu quarto; queixou-se ao jantar d'uma forte dor de cabeça e de modo algum quer ir á opera. Se tivesse sido aqui, em minha casa que lhe tivesse acontecido qualquer desgraça, seria eu o primeiro a sabel-o, meu senhor. Veja lá, é natural que haja qualquer equivoco.

—De modo algum, senhor conde, infelizmente estou certissimo do que digo. Comtudo certifique-se, faça favor de mandar ver se a condessa está no seu quarto.

O conde tocou a campainha e disse algumas palavras em voz baixa ao criado que logo depois desapareceu.

—O que terá, pois, acontecido a minha filha? continuou o conde, quando o criado já se tinha afastado —como seria possível que Irene—ah, já de volta Baptista, então?

—Senhor conde, respondeu o criado atrapalhado, a creada que eu mandei ao *boudoir* da senhora condessa, embrulhou-se em toda a especie de contradições, para me vir a declarar por fim, que a senhora condessa não está no seu quarto.

O conde de Malmaison ergueu-se e tornou-se pallido, como um morto.

E onde, onde está minha filha? gritou elle furioso. Parece que se dão coisas singulares nas minhas costas; depressa, traz-me aqui essa creada, Baptista.

Quando o creado sahio do quarto, Sherlock Holmes dirigiu-se ao velho aristocrata e disse-lhe em tom de confidencia:

—Senhor conde o caso é muito mais grave do que o senhor julga—sua filha está morta!

Morta? Deus do céu—Irene morta!

Não, não, isso não é possível, uma menina com menos de vinte annos, cheia de saude fresca.

—Senhor conde, sua filha foi assassinada! disse Sherlock Holmes com voz forte.

O conde de Malmaison cahiu emmudecido n'uma poltrona, proximo da meza.

Elle fixava o policia amador absolutamente interdito; até que por fim lhe acudiram aos labios estas palavras:

—Assassinada, diz o sr. Holmes? Oh! agora comprehendendo eu, por isso é o senhor que me dá a participação.

Irene assassinada, e quem, quem é o assassino?

—Animo, senhor conde, e ouça: o assassino é tão temivel como o proprio caso em si; quem assassinou a condessa foi Jacques, o estripador.

O conde de Malmaison cobriu o rosto com as mãos.

E onde estava a minha infeliz filha? perguntou elle, onde se deu esse horror? Sherlock Holmes, se não fosse o senhor, quem me participa isto, eu julgaria que me queriam fazer uma graça de pessimo gosto ou que teriam em vista levar-me por meigo de uma mentira a um despropósito.

—Falle, supplico-lhe, diga-me tudo, onde foi assassinada a minha Irene?

—Na casa de opio de madama Cajane, uma casa de má nota que sua filha procurou algumas vezes n'este ultimo mez.

O conde de Malmaison, represou então as lagrimas que lhe estavam nos olhos,—as suas feições tomaram de subito uma serenidade glacial e os seus olhos ganharam uma dura expressão.

—E' assim? disse elle a muito custo com voz soturna, a minha filha frequentou uma casa de opio? Então, então não perdi tanto como imaginava—e, passo a ordem do dia sobre este caso.

«Mas ao senhor Holmes, agradeço; o senhor cumpriu o seu dever, mais do que o seu dever, e, considero-me em divida para consigo.

—Salde-a já, senhor conde, se m'o permite, deixando-me ver durante algum tempo o *boudoir* de sua filha, respondeu Sherlock Holmes, pois isto é tudo o que eu desejo. Talvez eu encontre alguma coisa no *boudoir*, que me possa guiar no rasto do assassino.

—Está tudo á sua disposição, disse o conde de Malmaison—faça o que quizer meu senhor.—Baptista conduz este senhor ao *boudoir* da condessa.

O conde Malmaison sahio vacillante por uma porta do lado, e Sherlock Holmes seguiu com um olhar aquelle pae duro e severo, que não quiz saber mais da filha, consternado apenas, mas pouco amavel.

—Assim são todos elles, murmurou o policia amador, em vez de olharem melhor pelos seus filhos e de renunciarem por causa d'elles a muitos dos seus prazeres afim de poderem estar juntos com elles, em vez de os protegerem contra qualquer pensamento impuro, abandonam as almas infantis a si proprias, e logo estão promptos com a sentença condemnatoria ali á mão, quando acontece alguma desgraça.

Este é uma velha figura de destaque nas casas aristocraticas.

Com estes pensamentos seguiu Holmes o creado, que o conduziu atravez de uma serie de apozenos excellentemente mobilados, até que pararam n'um quarto elegantemente posto, forrado com tapecerias de seda azul, e, voltando-se para Holmes, disse:

—Aqui está o *boudoir* da senhora condessa.

—Muito obrigado, meu amigo, respondeu-lhe Sherlock Holmes, tenha já agora também a bondade de chamar a creada. Se ella não quizer vir, traga-a á força.

Holmes abrangeu o quarto n'um unico golpe de vista.

Tudo ali respirava luxo, bem-estar e voluptuosidade; entre estas paredes a libertinagem devia fazer grandes progressos na alma d'uma rapariga.

—Então, cá está ella, não queria vir, disse o creado. Eu agarrei por isso miss Dolly, simplesmente pelo braço, e transportei-a para aqui, como o senhor me ordenou.

«Eu digo-lhe, meu senhor, acrescentou o creado, que, evidentemente, não estava para dizer bem da creada, importnne-a com perguntas, ella ainda é mais maliciosa do que parece; e tem grande culpa em toda esta desgraça.

A creada soluçava, chorava e torcia as mãos cheia de desespero.

—Diga lá, perguntou o policia amador, a senhora serviu de auxilio á senhora condessa para ella deixar a casa paterna durante a noite? Acima de tudo a verdade; já de nada lhe serve negar, a desgraça está feita.

—Sim, eu adverti a condessa muitas vezes, mas ella não me quiz ouvir, e depois, o que havia eu de fazer? era sua creada, tinha portanto de obedecer.

—Está bem; o seu dever teria sido dar parte ao

ao conde do extranho comportamento da sua filha.

«Para onde julga a senhora que ia a condessa quando se escapava de noite?

—Para o seu amante, respondeu a creada.

—De certo, para o seu amante; mas quem era elle?

—Sim, mas isso é que eu não sei.

—A senhora não sabe? Está a mentir; sabe perfeitamente.

—Não, verdadeira e realmente não sei; eu não podia perguntar á condessa, mas...

—Ella mente, senhor, ella mente, exclamou o creado; esteja o senhor certo d'isso, ella mente sempre, N'essas historias não ha uma só palavra que seja verdadeira; mas se ella teimar em não dizer a verdade... terás que sentir a força da minha mão, menina Dolly!... Quererás tu já experimental-a?

—Diga a este homem estúpido e grosseiro para sahir d'aqui e dir-lhe-hei toda a verdade, assegurou a creada, soluçando.

—Retire-se! ordenou Holmes ao creado, deixe-me sósinho com ella.

—Se é o senhor que m'o diz, então vou, mas ainda o aviso mais uma vez: não se fie n'ella; não abre a bocca senão para mentir.

E o bom do Baptista affastou-se da linda creada, de punhos cerrados e ameaçador; e Holmes fez signal á rapariga para se approximar d'elle.

—Eu chamei-a, disse elle com voz calma, para lhe dizer o seguinte:—a senhora pôde soffrer um ru de castigo se eu a denunciar.

«A senhora prestou se a ser intermediaria n'estes amores clandestinos; e sabe que a lei estabeleceu uma pena muito severa para este crime, meu amor!

—Ah, meu Deus, eu direi toda a verdade, prometteu a rapariga intimidada.

—Assim, a condessinha teve relações com?...

—Eu não posso dizer, senhor!... tenho vergonha!...

—Porque não se envergonha mais cedo, e não livrou de um modo de vida tão miseravel a sua ama, que era ainda ha pouco tempo uma menina innocente?

«A vergonha vem agora já muito tarde; n'esta occasião trata-se sómente de dizer a verdade ou... de ir para a cadeia.

O policia amador pronunciou com voz severa estas ultimas palavras, e a creada tornou-se tão docil que estava prompta a confessar tudo.

—O senhor tem razão, disse ella chorando, toda a razão; ha cinco ou seis mezes ainda a condessa não pensava n'estas coisas.

«Ella era tão bella e innocente como um anjo.

«Mas então o senhor conde tomou um picador americano, porque o senhor de Malmaison tem tambem cavallos de montar, de caça e até de corridas.

—Como se chama esse picador americano?

—Mr. Charles Lake.

«E' um homem novo e muito bello, continuou a rapariga, isto ter-lhe-ha suggerido o desejo, e tem uns olhos...

—Basta, interrompeu-a Holmes com voz serena.

«Não me interessam absolutamente nada os dotes d'esse senhor Charles Lake.

«Mas ouvirei de bom grado, como é que elle veio a juntar-se com a senhora condessa.

—Do modo mais simples do mundo:

«O senhor conde ordenou que á hora do passeio a cavallo Charles Lake fosse com ella, e n'estas occasiões estavam elles sempre juntos.

—Ah, ah, a eterna historia; o professor de equitação, murmurou Sherlock Holmes para consigo, um mestre de equitação, um professor de piano ou um professor da lingua franceza, occasionam sempre as maiores perturbações no seio das familias distinctas.

—Assim, n'uma palavra, tornou Sherlock Holmes, dirigindo se á creada, este senhor Charles Lake e a condessa Irène tinham relações intimas um com o outro?

—Tinham, para que negal-o.

—Sabe a senhora tambem, que os dois amantes, chamemos lhe agora assim, se iam juntar uma vez por outra n'um logar determinado?

—Sim, tambem sei.

«N'uma casa de opio, creio eu que a sua proprietaria se chama madame Cajane.

—Exactamente, concluiu Sherlock Holmes, a coisa foi muito bem imaginada.

«A condessa de Malmaison foi a casa de madame Cajane. Alugou-lhe um quarto como se fosse para fumar opio, mas, na verdade, ella dava entrada da galeria para o quarto ao seu amante.

«Nós temos concluido, meu amor. O que eu podia ouvir da sua bocca está sabido; estou satisfeito. Agora diga-me apenas ainda, onde se pode encontrar esse senhor Charles Lake?

—Agora, a meio da noite? perguntou a rapariga.

—E' emquanto está quente que se malha o ferro, e eu tenho a certeza de que a senhora sabe onde mora Charles Lake, porque naturalmente ha de ter levado lá bastantes vezes cartas de amor.

—Mr. Charles Lake mora aqui passadas duas casas.

«Eu conduzo-o lá, senhor, se tal deseja.

—Bem, acompanhe-me.

A rapariga poz uma mantilha de renda pela cabeça e sahio com Sherlock Holmes.

Reinava profundo silencio em todo aquelle nobre edificio, do qual a mais bella pessoa que o habitára tinha sido assassinnada de uma maneira tão horrosa.

O infeliz pae que sentia muito e mais profundamente do que o tinha mostrado a Sherlock Holmes, tentou durante esta noite affazer-se á idéa de que a deparvada, a perdida, não era sua filha.

Ninguém presentia que o altivo conde envelhecesse uns vinte annos na lucta d'esta noite, e que n'ella se lhe despedaçasse uma parte do coração.

O conde Malmaison era d'aquelles homens que apresentam uma serenidade cheia de distincção, mesmo quando o seu coração sangra copiosamente.

CAPITULO VI

Por uma palavra apanha o rasto

Faça favor de acordar, meu senhor, eu sou Holmes, o policia amador. Tenho de fallar comsigo n'um assumpto muito grave.

O americano Charles Lack que estava deitado no seu quarto muito confortavelmente mobilado, ergueuse oscillante mas depressa tornou a fechar os olhos, quando a luz d'uma pequena lampada electrica lhe deu nos olhos.

—Olá, o que é isto? exclamou elle depois, e quiz logo deitar a mão a um revolver que estava na mesa de cabeceira.

Mas Sherlock Holmes empurrou o revolver para o lado e disse lhe com voz inergica.

—Homem, ouça, não está aqui nenhum ladrão nem gatuno, mas simplesmente o policia amador Holmes. Levante-se e vista-se depressa. O senhor não poderá esta noite conciliar mais o sono porque tenho de lhe participar que a condessa Irène Malmaison foi assassinada esta noite.

—O senhor endoideceu, homem? gritou Charles Lack e saltou da cama.

—A condessa Irène Malmaison, continuou Sherlock Holmes com voz metalica, foi hoje á noite assassinada na casa de opio de madame, Cajana no mesmo quarto em que a infeliz menina costuma juntar se comsigo, secretamente.

Como se tivesse recebido um grande choque, Charles Lack ergueu-se de novo, agarrou depois com as mãos trémulas o seu fato de dormir que estava n'uma poltrona perto da cama, embrulhou-se n'elle, tiritando, e disse quasi sem respiração:

Não comprehendo o que me está a dizer, não o posso comprehender; Irène assassinada, na casa de opio.

Sim na casa de opio de madame Cajana, interrompeu Sherlock Holmes.

—Aquelle logar não lhe é com certeza desconhecido, pois foi o senhor mesmo que arranjou aquelle cantinho para se lá juntar com a sua amante.

—E mesmo que fosse realmente assim objecto Charles Lack, porque já havia cobrado um pouco o sangue frio, o que deseja o senhor de mim, porque me incomoda?

—Antes de tudo mais, faça favor de fallar comigo n'outro tom, aliás prendo-o immediatamente, respondeu o policia com voz serena e severa.

—Procura-se o assassino de Irène Malmaison.

E eu podia talvez lançar a minha suspeita sobre si, meu senhor.

O picador tornou-se logo manso e docil.

—Juro-lhe, meu senhor, exclamou elle, que nada sei d'este crime.

—O senhor ia encontrar-se com Irene Malmaison,

hoje á noite, na casa de opio de madame Cajana? perguntou Sherlock Holmes.

—Ia, foi a resposta de Charles Lack.

—Tinhámos aprasado para lá o nosso *rendez-vous*.

—Para que horas?

—Este *rendez vous* devia ter logar ás dez horas da noite.

Mas eu demorei-me, e quando lá cheguei ás dez e meia então, então.

—Vamos, porque não continua? inquiriu Holmes, quando o picador de repente hesitou em continuar.

—Vou eu dizer-lh'o, por isso pode pôr um ponto no seu arrasado.

O que o senhor não me queria declarar era que estava habituado a subir para a galeria por escada de corda que a propria condessa sempre lhe costumava deitar.

Hoje á noite não encontrou a escada de corda, e voltou sem nada haver conseguido, na fé de que a condessa não tivesse ido ao *rendez-vous*.

—O senhor advinha tudo, ou sabe tudo, foi de facto assim como o senhor diz.

—Agora tambem quero annunciar lhe o que se passou n'esse intervalo.

Um homem, que sabia do encontro mysterioso, que o senhor tinha de tempos a tempos com a condessa, introduziu-se entretanto de qualquer modo em vez do senhor no gabinete em que Irène o esperava, e este homem é o assassino.

Mr. Charles Lack estava como petrificado; parecia que elle amára realmente muito a jovem condessa, pois os seus olhos encheram-se de lagrimas.

—O senhor amou sinceramente Irène Malmaison? perguntou Sherlock Holmes depois d'uma pequena pausa.

Diga-me toda a verdade, não era somente uma embriaguez dos sentidos o que o senhor procurava, quando se juntava com essa creatura, encantadora?

—Eu amei-a sinceramente, respondeu Charles Lack, mas nós jamais podíamos esperar pertencer um ao outro, pois o senhor conde mandar-me prender como doido se eu me apresentasse perante elle com a pretensão de querer ser seu genro.

—Se o senhor amou a condessa Irène, disse Sherlock Holmes, então porá tambem todo o interesse em fazer cair o assassino nas mãos da justiça.

O senhor contribuirá pelo menos da sua parte para tudo o que o venha a realisar.

—Esse é o meu desejo, sim, nem eu quero outra coisa.

Pobre Irène, creatura adorada, de que modo horrivel tu havias de acabar, exclamou o picador.

Mas torna-se-me incomprehensivel para que a assassinou o facinora, talvez para a roubar?

—Já vamos ver isso.

—Responda-me Charles Lack, continuou Sherlock Holmes.

—O senhor revelou a alguem que mantinha relações com a condessa Malmaison?

Reveellou o o senhor a alguem, além da creada,

que sabia do caso, porque estava mettida n'elle, e mais do que tudo disse a qualquer pessoa onde se ia juntar com a jovem condessa e como esse encontro se dava?

—O senhor afflige-me com essas perguntas redarguindo Mr. Charles Lack exaltado.

—Isso teria sido uma baixeza da minha parte, se eu tivesse denunciado a condessa.

Não, eu não fiz semelhante coisa, sim quem sabia d'isto e eu garanto que a creada tinha na verdade, conhecimento de que nós nos encontravamos na casa de opio de madame Cajana, mas não de que maneira eu chegava até ao gabinete da condessa.

—Contudo o senhor ha-de tê-lo revellado com certeza a uma terceira pessoa.

—A ninguém, a nenhuma alma humana, eu disse cousa alguma, assegurou Mr. Charles Lack, eu dou-lhe a minha palavra, espere lá, acudiu-lhe de subito, enquanto passava a mão sobre a fronte coberta de suor, o que eu agora mesmo affirmei, não é absolutamente exacto, havia um homem que sabia tudo, mas, mas esse não pode ser o assassino, não, com certeza que não.

—Para avaliar isso, Mr. Charles Lack, cá estou eu, respondeu Sherlock Holmes.

Diga-me o nome da pessoa a quem o senhor deu toda a sua confiança.

O picador viu-se então bastante embaraçado.

Andou no quarta para cima e para baixo e evidentemente no seu espirito dava-se uma lucta violenta.

—Senhor Holmes, começou elle depois em voz baixa, parando defronte do policia amador, o senhor é um homem que, com certeza, no decorrer dos annos tem sabido muitos segredos.

Estará portanto certamente bem acostumado a guardar segredos.

Eu supplico-lhe, poupe a memoria da pobre Iréne, pelo menos, não exponha aquella encantadora criatura á maldade publica; afim de que ella possa dormir tranquillamente, em paz, não diga a ninguém o que eu lhe vou revelar.

—Se a sua informação puder ser conservada secreta, respondeu Sherlock Holmes, pode o senhor estar certo, que eu a guardarei no mais absoluto sigillio.

«Mas se fôr necessaria a denuncia da sua confissão para apanhar o assassino, então... querido amigo, o meu dever é fallar.

—Mas eu não creio que seja necessario, ouça lá: «O nosso amor teve consequencias.

«Iréne estava afflictissima por causa d'isto, pois que a sua honra, o seu bom nome estavam em perigo. «Então resolvi-me a procurar um medico.

—Ahi um medico exclamou Sherlock Holmes subitamente, e começou a dar estalos com os dedos, coisa que elle fazia sempre, quando recebia uma boa noticia.

—O medico de que eu fallo, continuou o picador, é um homem muito considerado, que não costuma occupar-se com taes coisas.

«Mas eu prestei-lhe uma vez um serviço na Índia...

—Na India? interrompeu o policia amador, com a voz um pouco esgançada, a informação do rapaz, o senhor tambem já esteve na India?

—Eu fui, ha tempos, jockey n'um grande estabelecimento de cavallos de corridas, em Calcuttá.

«O medico de que eu fallo tinha feito uma aposta importante pelo cavallo que eu montava.

«Eu empreguei então realmente todos os meus esforços para conseguir que o cavallo ganhasse, e salvei assim o doutor de uma perda que talvez fosse toda a sua fortuna.

—Ouça lá, olhe que isso dá-se realmente muito raras vezes.—Um medico ser ao mesmo tempo um intrepido jogador; não acha já isso bastante extraordinario, Mr. Charles Lack?

O picador encolheu os hombros.

—Encontram-se jogadores em todas as classes sociais, disse elle, e este doutor jogava com uma paixão no *Turf*, verdadeiramente fóra do commun.

«Nesse dia quando as corridas acabaram, elle agradeceu-me cordalmente e disse-me:

—Se eu alguma vez lhe puder prestar um bom serviço, venha ter commigo, eu fico para sempre á sua disposição.

«Lembrei-me d'esta promessa, quando Iréne me fez a triste confissão de que... de que a sua honra estava em perigo, e como eu tinha sabido por acaso que aquelle doutor já não estava na India, mas que morava agora em Londres, e gozava de uma grande fama, procurei-o e suppliquei-lhe que acudisse a Iréne,

—Como se chama o doutor?

«Charles Lake hesitou um momento, mas em seguida respondeu:

—E' o doutor Roberto Fitzgerald!

—Como, o doutor Fitzgerald? E' um medico muito conhecido. Se me não engano, móra no oeste da cidade?

—Exactamente, apenas poucas ruas distante de aqui, na *Cromwell-Road*; a alguns passos do museu Kensington possui elle uma casa.

«O doutor fez fortuna. Quando elle estava ainda na India, não tinha muito, mas em Calcutta casou com a filha de um exportador muito rico, e desde esse tempo é um homem poderoso.

Depois voltou para Inglaterra, fez aqui algumas operações felizes que produziram sensação e desde então é chamado para toda a parte, creio até que já tratou um membro da familia real.

—Exactamente, confirmou Sherlock Holmes, eu lembro-me igualmente de ter lido, que elle salvou por meio de uma operação quasi milagrosa uma princeza da casa real.

«E' um grande sabio, o tal doutor Fitzgerald, e possui uma firmeza de mão, que lhe é muito necessario como operador.

«A quem o senhor se entregou?

—Sim, eu procurei-o, pintei-lhe a minha situação, o meu desespero e elle prometteu acudir-me.

—Revelou-lhe também, onde se encontrava sempre com a condessa Malmaison?

—Sim, revelei.

—Eu tive de o fazer, senhor Holmes, pois o doutor Fitzgerald disse-me, que nada podia fazer, sem observar a cliente.

Mas como havia elle de juntar-se com Iréne? Ella jamais se resolveria a procurar o doutor em sua casa, assim pensei eu que seria talvez melhor, se elle... se elle... talvez...

—Olhe, lá está o senhor já outra vez, exclamou Holmes, e eu lhe digo também de novo, porquê.

«O senhor combinou com o doutor Fitzgerald o seguinte:

«Elle subiria em vez do senhor pela escada de corda para a galeria e assim entrava em casa de madame Cajana.

«Depois podia facilmente chegar á presença da condessa Iréne, declarar-lhe que era um medico, e o senhor calculou que depois d'isto, Iréne não se opporia a deixar-se observar por elle.

«Foi ou não assim, senhor Charles Lack? Preste homenagem á verdade... foi assim?...

—Admiro a sua perspicacia... foi de facto assim, respondeu o interrogado.

—Assim, não foi uma demora de acaso, que o levou á dez e meia da noite defronte da casa de madame Cajana, mas... o senhor quiz dar tempo entretanto para o doutor Fitzgerald visitar a sua cliente.

Debaixo do olhar severo, que Sherlock Holmes dirigiu com estas palavras ao rapaz, Mr. Charles Lack nada mais ponde responder, e deixou pender silenciosamente a cabeça sobre o peito.

—Pois bem, meu caro amigo, agradeço-lhe as suas informações, disse Sherlock Holmes, ao mesmo tempo que deitava a mão ao seu chapéu, e no restante pouco-o-hei tanto quanto seja possível.

«Estou em crer que o senhor não prestou um bom serviço á memoria da condessa Malmaison, mas a sua confissão, que agora mesmo acaba de me fazer é de muito maior valor. Eu espero, com absoluta confiança, que o senhor tenha contribuido muito para livrar Londres de um monstro que até hoje se tem rido de todas as delicias da justiça.

CAPITULO VII

Um casamento infeliz

N'um banco do Hidepark, ali perto de onde se ergue a estatua de Lord Byron, estava sentado, quando já ia caindo a noite um moço official inglez e batia com uma varinha que trazia, pois os officiaes inglezes nunca costumam sahir sem ella, impaciente-mente, nas suas botas.

O banco estava defronte d'um bosque que se achava todo em flor.

O moço official levantou se de subito e alegrou se, porque cahiram as folhas de um ramo d'este pequeno bosque.

Elle tinha sem duvida o aspecto de um homem que espera impaciente-mente, e que se encontra n'uma certa excitação nervosa, porque não sabe se esperará em vão.

De repente veio para ali, pelo caminho estreito que leva á praça de Byron no Hidepark, uma esbelta e moça figura de mulher e apenas avistou o moço official logo lhe foi ao encontro cheia de vivacidade.

—Que feliz eu sou, querida Ruth, porque tu vies- te, disse elle, ao mesmo tempo que se encaminhou para cumprimentar aquella mulher formosa e nova que podia contar apenas uns 24 annos.

—En receava já que te tivesse sido impossivel, satisfazer a nossa combinação?

—Esteve quasi para assim ser, respondeu aquella a que o official chamára Ruth com voz tremula, pois hoje justamente é que Roberto não se decidia a sahir, quando aliás é sempre a esta hora do dia que se costuma auzentar para fazer o giro pelos seus clientes.

E quando por fim agora se auzentou, agradaci ao ceu e apressei-me, o mais rapidamente que pude, n'este voo para os teus braços.

O moço official tinha-lhe agarrado a mão e levára-a aos labios.

Elle olhou em volta e como não viu viv'alma nas proximidades, atreveu-se a cingir com o braço a sua amante e a puxá-la ardentemente de encontro ao seu coração.

Mas os seus labios mal tocaram nos d'ella, pois logo se soltou do seu braço.

—Como oustate tu, meu querido Harry, beijar-me aqui! disse zangada aquella mulher linda e nova, pensa, se algum o visse, aqui...

O rosto do joven official bello e queimado do sol, guarnecido por um bigode loiro, exprimiu por estas palavras um certo mau humor.

—E se algum nos tivesse visto Ruth, exclamou elle, isto hade acabar um dia.

«Não é do meu lado que está a razão? Não estamos nós por mutuo accordo já noivos, quando teu pae te forçou finalmente a seres a esposa de Roberto Fitzgerald, este homem que exerceu uma influencia incomprehensiva sobre teu pae?

«E se eu agora te beijo e te chamo minha, não commetto roubo algum para com elle, elle é que me roubou, elle é que me levou a minha noiva!

—Ah, Harry... tu sabes bem que eu só te amo a ti, mas eu sou sua esposa legitima e envergonho-me por abusar assim da sua confiança, juntando-me assim occultamente comtigo.

Mas desde que tu voltaste novamente da India e desde que me appareceste pela primeira vez de novo deante de mim, para fazeres valer o teu direito mais antigo, desde então sinto eu quão profunda e intimamente eu te amo e como... por isso sou feliz.

Dos olhos d'aquella linda mulher loira saltaram

lágrimas ardentes, enquanto se sentava no banco que ali ficava fronteiro ao bosque.

O capitão Harry Thompson sentou-se a seu lado. Elle segredou-lhe todas as doces palavras que o amor tem sempre á sua disposição, e de tudo o que dizia, resaltava principalmente a intenção de arrancar Ruth do lado do seu marido e de a tornar sua.

—E's tu feliz com o teu marido? perguntou elle. Não, tu não o és, não o podes ser, pois tu nunca o amaste, e eu não comprehendo, sobretudo, como tu, uma natureza tão sedenta de luz e de sol te podes sentir bem ao lado d'esse sabio sombrio.

Um profundo suspiro alteou o peito da linda Ruth.

—Uma outra talvez tivesse sido feliz com elle, accrescentou Ruth, eu não o podia... ah, se tu soubesses, Harry, como elle é singular.

Muitas vezes lança-se aos meus pés, e pede-me como se eu fosse uma divindade, supplica-me que o ame como elle me ama, quente, intima, apaixonadamente, e depois fecha-se todo o dia no seu gabinete, sem me querer ver, nem poder ouvir sequer, os meus passos.

Eu quero confiar-te uma coisa, Harry, mas por amor de Deus, jámais deixes escapar dos teus labios este segredo; Harry, eu creio que o meu marido é doido.

—Doido? repetiu o moço capitão impressionado, ha, tu enganas-te, Ruth; como podia um tão grande sabio, um habil operador que possue a confiança absoluta dos seus doentes, ser doido?

—Fixa os seus olhos, e tu vê los-has muitas vezes cheios de um fogo extranho; observa uma vez, como os seus movimentos são incertos e rapidos.

«Ha alguns annos atraz, quando elle ainda vivia na India, foi elle mordido por uma cobra, por uma d'aquellas terribes cobras, cuja mordedura é quasi sempre mortifera.

«Consegui escapar á morte, ligando immediatamente o membro mordido, mas... desde então tornou-se outro e eu receio que o veneno se lhe tenha mettido no sangue.

—Se assim é, tu deves apressar-te em fazer examinar e determinar o seu estado de espirito.

«Mas tens tu mais alguns pontos de apoio para a tua affirmacão? As que tu apresentaste são bastante diffidentes.

—Sim, tenho ainda uma outra prova; Roberto abandona todas as noites secretamente a casa; sei-o positivamente, porque o tenho observado.

«Ignoro para onde elle vae, mas quando elle regressa de uma destas sortidas nocturnas, mette-se sempre no seu quarto, e dorme até ao meio dia e ás vezes até á tarde.

—Abandonar um medico a sua casa de noite não tem nada de extraordinario, —pensou o moço official, sem ir mais longe pode tambem ser chamado de noite, ter doentes em estado grave, que deva visitar durante a noite.

—Mas essa seria tambem a unica explicação, accrescentou Ruth, e ella é apoiada até pela circumstancia de, quasi todas as vezes que elle sae de noite

eu encontrar signaes de sangue na almofada e na cama d'elle.

—Ahi temos nós o caso, exclamou o official, vem d'alguma operação.

—Fazem-se tambem operações de noite? Eu julgava, que ellas só se realisavam á clara luz do dia?

—Em casos urgentes, pode dar-se o caso de se fazerem tambem operações de noite, respondeu o capitão.

—Não, minha filha, isso tambem não é prova da loucura de teu marido.

—Então ainda te vou dar uma que pode ser de valor, proseguiu Ruth.

—Ha cerca de quatorze dias, acordei de noite, seria meia noite, e fui cautellosamente para um quarto, cuja porta dá para o de meu marido, para escutar se elle já estaria em casa, pois que elle havia sahido secretamente.

Vi então pelo buraco da fechadura que no quarto de meu marido havia luz.

De repente a luz apagou-se e quasi no mesmo instante abriu-se a porta e um homem brutal e desconhecido veio ao meu encontro.

Estava vestido como um vagabundo, como uma d'essas horriveis figuras que a gente só encontra durante a noite nos suburbios da cidade.

Um bigode em desalinho escurecia lhe a cara, os cabellos todos erigidos, e tinha em volta do pescoço um chale grosseiro.

Eu apenas tive tempo para recuar e para me escapar a um canto. O vagabundo passou perto de mim sem me ver, aliás talvez me tivesse morto.

E sabes tu, quem era o vagabundo?

O meu marido, o notavel operador, Roberto Fitzgerald.

—Impossivel!

—O que podia levar teu marido a esse disfarce?

—Não sei, mas que era elle e que se tratava ali d'um disfarce, isso verifiquei precisamente.

Eu mandei chamar immediatamente o guarda-portão e perguntei-lhe se meu marido tinha sahido de casa esta noite.

O guarda-portão disse que não.

Mas contou-me que meu marido, tinha mandado fazer uma chave para a porta pequena que dá para o jardim. O senhor doutor sae certamente sempre de casa pela porta principal, accrescentou o homem.

Depois d'isto dirigi-me para o quarto de meu marido e examinei-o muito bem.

Achei lá sobre o tapête uma franja do grande chale que o vagabundo trazia ao pescoço.

Nada fôra roubado ali, do quarto. Tudo se achava na melhor ordem, somente estava direito, sob a mesa de meu marido, um espelho que até então eu nunca lá vira, prova de que Fitzgerald tinha feito esta horriveil toilette em frente d'este espelho.

O capitão abanou a cabeça com um ar de incredulidade.

—Eu supponho, minha filha, que te enganas, não

foi um homem disfarçado em vagabundo, mas realmente um miserável que entrou em tua casa.

Elle queria talvez roubar, mas por qualquer razão não pôde levar a effeito o seu intento e teve de deixar a casa sem nada ter conseguido.

Ah, ah! como se ririam em Londres, se ouvissem dizer, que o grande operador Roberto Fitzgerald envergava á noite um disfarce uma mascara que o faz parecer um criminoso.

Então posso dizer-te o que vi disse Buth um pouco irritada. Ah, eu sou muito infeliz e verdadeira, eu não tenho já forças para prolongar esta vida. Infelizmente meu pae está agora na Índia a pôr lá em ordem os seus negocios, e só volta d'aqui a quatro mezes.

Quem sabe o que será feito de mim em quatro mezes, talvez já nem esteja viva.

—Só ha um meio, deixa teu marido e vem para mim, propõe o capitão.

—Para tí, Harry? Ah, com que gosto o fariam! Que feliz eu seria, se podesse viver a teu lado, mas, o mundo apontar me o dedo desprezar-me ia, e chamar-me-ia uma mulher sem honra.

—Não queres, uma vez, visitar minha mãe, para fallares com ella? tu sabes como ella é tua amiga, disse o official.

—Eu tambem sou muito amiga de tua boa mãe, eu gostava bem de a tornar a vêr, mas Fitzgerald é muito ciumento, e eu quasi nunca posso sahir de casa sem ser acompanhada.

Para poder ir ver tua mãe, precisava de confiar na companhia, porque Fitzgerald sabe que tu te amei primeiro, e nem o teu nome quer ouvir.

—Apesar d'isso peço-te que venhas, supplicou o official, passemos uma hora tranquillã, não me recusar este pedido, querida Ruth, será para mim uma prova do teu amor.

—Pois bem, eu von! decidi Buth, mas hade ser o mais ás occultas possível.

—Amanhã á noite tem Fitzgerald uma conferencia na sociedade de medicina.

Sahirá de casa ás oito horas da noite, eu tomarei logo depois um trem e irei até á esquina da vossa rua.

Onde moram agora?

—Onde mora a gente pobre, disse o capitão a rir, continuamos ainda na Walworthstreet. Na verdade não é um sitio agradável, mas minha mãezinha possui lá uma pequena casa com um jardimzinho e a velhinha, por coisa nenhuma d'este mundo a trocaria por outra, por melhor e mais fina que ella fosse.

—Assim estarei amanhã convosco entre as nove e as dez horas da noite, depois podemos estar juntos e ás onze horas acompanharmos a casa ou melhor, até ás proximidades da minha casa.

Parece-me que assim não háverá perigo, porque Fitzgerald só voltará lá para a meia noite para casa.

O moço official não pôde conter-se, sem abraçar a amante puxá-la de encontro ao seu coração, e sem lhe agradecer a promessa com ardentes beijos.

—Mas agora tenho de me ir embora, disse ella, levantando-se, acompanha-me um pouco ainda um bocado, aqui: no Hidepark.

Ambos os amantes se ergueram, o official offereceu o braço a Ruth, e depois de se terem convencido, ainda que por um rapido golpe de vista, de que nenhum olhar de espião ou de observador os podia alcançar, metteu ella o braço no do moço official e caminhou com elle ternamente encostada a seu lado.

No bosque moveram-se então uma figura alta e magra, e de lá sahir vagarosamente.

—Verdadeira, exclamou Sherlock Holmes, pois era elle quem, com um ligeiro sorriso, sahia de rastros de dentro da sarça, os amantes são sempre desacutelados, e nem uma palavra me escapou. Foi pois uma idéa diabolicamente feliz isto de andar ha alguns dias sempre no rasto da esposa do doutor Fitzgerald, por toda a parte, para onde ella ia.

Quando quizermos saber os segredos de um homem, basta seguir lhe a mulher.

E que coisas importantes eu ouvi hoje, não havia oiro que pagasse esta conversação.

E amanhã á noite vae Mrs. Ruth Fitzgerald visitar a mãe do homem, que ella ama, irá a Walworthstreet, pois bem, ousarei a coisa mais estupenda, para decifrar o enigma que paira sobre Londres como uma terrivel maldição. Eu ousou, eu arrisco, porque quem se arrisca, ganha!

CAPITULO VIII

Um cavalheiro prestimoso

Numero 37, gritou o creado, que fazia o serviço da antecâmara do doutor Fitzgerald, havia seguindo á risca o numero dos clientes que havia recebido á entrada de casa, assim os introduzia no gabinete das consultas do afamado medico, fizemo-lo esperar muito tempo, querido amigo, e felizmente, o senhor é o ultimo por hoje, a quem tenho de dar entrada.

Estas palavras do creado eram dirigidas a um homem de aspecto modesto, que parecia mesmo um burquez insignificante.

Trazia um casaco cinzento comprido com botões á moda antiga, collette e calças eguaes. As suas botas eram muito grosseiras e a bengala que elle tinha na mão, podia muito bem ser um legado do seu avô.

—Sim, infelizmente o que se lhe hade fazer, respondeu elle ao creado, quando a gente consulta um medico tão notavel, não ha remedio, senão ter um pouco de paciencia. Agora posso entrar? Obrigado.

O desconhecido confiou ainda mais uma vez a barba loira e curta que usava, passou a mão pelos seus cabelos loiros já a branquearem, que lhe cahiam do cráneo até aos hombros e que de lisos que eram lhe davam a expressão de um puritano.

Depois caminhou para a porta, bateu e seguiu na direcção do, entre! que lhe soou lá de dentro.

O doutor Fitzgerald estava sentado á sua secretaria.

Não voltou sequer a cabeça, quando a porta estalou por detraz d'elle antes parecia estar profundamente absorvido no estudo de um livro.

—Queira desculpar, senhor doutor, disse o homem de barba loura ao mesmo tempo que tossia um pouco.

O doutor Fitzgerald ergueu-se, como se acordasse de um sonho. Voltou a cabeça, um rosto pallido e interessante com uns olhos grandes e escuros, completamente imberbe, com dois profundos sulcos na base do nariz.

O doutor Fitzgerald usava o seu cabelo encaracolado penteado para traz, e por isso a sua frente de pensador ainda parecia mais alta.

—Ah, ainda mais algum? exclamou elle, pensando que já estaria livre por hoje.

Aproxime-se, meu senhor, de que se queixa?

—Senhor doutor, disse baixinho o homem de barba loura, eu não vim procurá-lo como doente.

—Mas eu estou agora somente aqui para os doentes, respondeu o doutor Fitzgerald muito bruscamente faça favor de sair, meu senhor, eu não tenho tempo para tratar d'outros quaesquer negocios.

—Eu gostaria muito de lhe dar uma informação, senhor doutor, que está na minha alma. Eu sou um homem honrado e não posso soffrer a idéa de que um outro homem de bem seja enganado vilmente.

O que está o senhor para ahi a dizer, quem é enganado?

—O senhor doutor, e pela sua propria mulher.

O doutor Fitzgerald levantou se, apontou com a mão para a porta e quiz evidentemente convidar o desconhecido por meio gesto inergico a sahir de sua casa.

Mas quando este accrescentou um nome á sua informação, logo mudou e a sua attitude arrogante.

—O capitão Harry Thompson, disse em voz baixa o homem da barba loura.

O doutor retrahiu-se como se um raio o tivesse ferido, os seus olhos dilataram-se extranhamente, e os seus labios contrahiam-se e agitavam-se como quando vem a tempestade e como se este fosse o primeiro relampago annunciador da desgraça.

—O que disse, que nome pronunciou o senhor, d'onde conhece esse nome? perguntou elle, n'uma alta excitação.

—Do Hidepark

—Não entendo.

—O senhor já me entenderá melhor, senhor doutor, se me deixar fallar socegradamente.

Eu sou uma bôa alma e nada lhe desejo pelo serviço que lhe presto, mas, sabe, estou indignado, moralmente indignado, e foi isto que me determinou a fazer-lhe uma visita.

—Seja breve exclamou Fitzgerald com voz soturna, e, primeiro que tudo, falle baixo não desejo que isto se ouça lá fóra.

A gente não está livre de algum espião, ouve, de algum! Eu sou espiado mesmo em minha casa; atraz de cada parede está um espião.

—Mas então deve ser uma casa muito desagradavel, respondeu o desconhecido, nada, com isso não tenho eu nada que ver, e desde já quero crer que o espiam, senhor doutor, pois sua mulher, Mrs. Ruth, ó senhor doutor, como as mulheres são más!

—Sim, ellas são más, muito más, repetiu Fitzgerald com inergia, tão más que devíamos acabar com ellas cá na terra, todas, todas.

Pelo menos devemos esmagar debaixo dos nossos pés as serpentes, meu senhor, que sempre tem sido as companheiras das filhas de Eva.

—Muito bem e muito verdadeiro, senhor doutor, concordou o pobre burguez, as serpentes já nos expulsaram do paraíso. Mas agora ouça-me, senhor doutor, eu farei todo o possível por fallar baixo, venha o senhor, se me dá licença que eu lhe peça uma coisa, venha para mais perto de mim um pouco; a historia é a seguinte:

Eu chamo me Patrick O' Connor e fui fabricante de sabão.

Ganhei algum dinheiro com o negocio, e quando vi que tinha bastante, disse para com os meus botões, agora vou gosar a vida, e desde então vivo dos meus rendimentos.

O' eu vivo muito agradavelmente, esem cuidados; levanto-me quando me agrada, e dou depois, habitualmente, um passeio no Hidepark.

Assim aconteceu tambem hontem, e quando já vinha a cahir a noite, ainda eu passeava no Hidepark.

Então senti-me um pouco cansado, e pensei de mim para mim, senta-te n'um bosque e descansa um bocadinho.

Dito e feito.

Tomei logar n'um bosque; sabe, senhor doutor, foi na praça de lord Byron, no sitio onde está a estatua. Justamente em frente do bosque ha um banco, não foi lá que eu me sentei, porque sou um pouco cantoloso e pensei que, se adormecesse, os ladrões podiam levar-me o meu relógio e a minha bolsa, e que no bosquezinho não dariam commigo.

E quando já estava sentado e ia quasi adormecer, ouvi umas vozes:

Era um moço official que tinha tomado logar deante de mim, com uma senhora elegantemente vestida, e que estava mesmo chegado a ella.

Um moço official com uma senhora elegantemente vestida, repetiu o doutor adiante, adiante, o senhor é insupportavel com a sua prolixidade.

—Eu pensei então commigo, continuou o homem da barba loura, tu ouvirás o que os dois teem que dizer um ao outro; pois sabe, senhor doutor, eram uns namorados que se entretinham em doce idyllio. Elles fallavam d'uma maneira bem differente d'aquella porque fallam as pessoas rasoaveis, e isto ouvi eu bem, muito bem.

E como os escutei, conclui o seguinte.

Era uma senhora casada que tinha dado um ren-

dez-vous a um official sobre aquelle banco, e fallavalle do seu marido, que ella tinha esposado na India, mas somente porque o pae a obrigára formalmente a este casamento, e que ella não o amava, mas sim a outro, um official, que já primeiramente fôra o dilecto do seu coração, e que ella não podia esquecer, e agora, como elle regressou da India, ainda menos queria saber do seu homem.

Se um despreocupado escutasse a narração d'este prestimoso cavalheiro, ganharia logo a impressão de que aquillo era uma tagarelleira doida, um palavriado sem nexo fazia no doutor Fitzgerald uma impressão profunda e horrivel até!

As feições do medico congestionavam-se, as mãos encrespavam-se no cabello negro e encaracolado, de um modo que fazia lembrar um negro, e puxava os cabellos para baixo, para a testa, a ponto de lhe cabirem sobre os olhos,

—E imagine o senhor doutor, concluiu o denunciante a sua narração, a senhora que estava no banco era sua mulher, e o official era Harry Thompson, e mora na Walworthstreet.

E' elle, disse gemendo o doutor Fitzgerald, eu já presenti, ha muito, que minha mulher me enganava. E' que se encontravam no Hidepark ás occultas, e eu amei-a, e ella só o ama a elle, nunca, nunca outro.

—Mas não ha duvida. Ella nunca amou o outro, exclamou o homem da barba loura, sorrindo.

—Sabe senhor doutor, este é para ella o ar, só ambicionava viver com elle debaixo do mesmo tecto e receber d'elle as suas proprias *toilettes*.

Mas o official, ora, isso é que o senhor devia ter visto, como elle a beijou, e que dôr lhe causou o terem de se separar depois um do outro.

—Cale-se, explodiu Fitzgerald, cale-se, eu não o quero ouvir mais. Mas não, não, diga-me tudo, accrescentou elle logo a seguir, eu quero, eu devo saber tudo.

—Ora, já pouco mais tenho a dizer, apenas quero ainda contar que elles combinaram por fim que haviam de passar juntos uma hora, sem serem incommodados.

—Ceue e inferno! tranquillamente, sem serem incommodados, disseram elles?

—Sim, sim, tranquillamente. Ora, o senhor, sabe bem, senhor doutor o quo entre amantes isto significa. Elles preferem a tudo o estar sem serem importunados, pois teem sempre muitas coisas importantes a dizer um ao outro, e por isso prometeu sua mulher ir amanhã entre as nove e as dez horas da noite á Walworthstreet, a casa da mãe do official.

A mãe não os importunará muito. E' com certeza alguma velha, talvez até já paralytica e depois, depois estarão, na verdade, evidentemente sem serem importunados.

Mas por amor de Deus, o que é isso, senhor doutor?

Sente-se mal?

Faça uma fricção de vinagre na testa e tome tambem alguma coisa.

—Nem mais uma palavra, murmurou Fitzgerald, peço-lhe que me deixe só.

Amanhã disse o senhor, amanhã á noite?

Na Walworthstreet disse tambem?

—Sim, exactamente, entre as nove e as dez horas; mas este amanhã é de facto hoje; pois foi hontem que eu ouvi a historia no Hidepark.

Mas senhor doutor não se incommode com isto, continuou o homem sincero; o senhor tem de fazer uma grande conferencia na sociedade de medicina, isso está primeiro.

O meu Deus, quando uma mulherzinha se quer distrahir uma vez na vida, o marido deve então por sua vez tambem os olhos...

O senhor vae para a sociedade de medicina e Mrs. Ruth, sua querida mulher, vae n'essa mesma occasião, para a outra sociedade.

—Deixe-me, eu não lhe agradeço, por me haver dado esta impressão.

Creia, meu senhor, não acredito que o senhor se queira divertir á minha custa?

—Eu? Ah, senhor doutor, eu não sou homem d'essa laia.

Mas n'este momento retirou-se o prestimoso cavalheiro a toda a pressa para ao pé da porta, pois de repente e sem fazer transição alguma, o doutor Fitzgerald tinha agarrado uma pequena faca de operações que elle tivera diante de si na secretaria, e com um gesto selvagem quiz lançar-se sobre a visita, que agora mesmo lhe revelara aquelle terrivel segredo.

O homem ficou parado á porta e observou com toda a penetração o doutor que parecia ter cahido de repente em prostração.

A faca tinha cahido da mão de Fitzgerald e elle estava ali a tremer, com espuma nos labios e os olhos como quebrados, dirigidos para o tecto.

Então apressou-se o prestimoso cavalheiro, que tinha lançado aquelle fogo horrivel na alma do medico, a sahir pela porta fóra para ganhar a rua o mais rapidamente possivel.

Ao chegar á rua riu-se e murmurou de si para si:

—Elle é doido, não tenho d'isso a menor duvida, e desejo-lhe do coração que assim seja, pois se não fosse um louco, tinha de se restaurar especialmente para elle a tortura e devia ser amarrado á roda como se fazia aos criminosos da Edade-media.

O nosso leitor facilmente adivinha, quem era o prestimoso cavalheiro.

*
*
*

Então tu não vaes para a sociedade de medicina, Roberto? Já são oito horas.

Com estas palavras entrou Ruth no quarto de estudo do seu marido, e ficou espantada por ver Fitzgerald sentado á secretaria ainda com o seu fato de trabalho.

Elle tinha a cabeça apoiada nas duas mãos e olhava fixamente no vaeuo.

—Roberto chamou aquella mulher linda e nova, mais uma vez, tu disseste-me que tinhas de fazer hoje uma conferencia na sociedade de medicina. Devem portanto esperar-te, e é pouco delicado chegar muito tarde.

—Muito pouco delicado, exclamou Fitzgerald com um sorriso singular.

—Por isso tem cuidado, não vás tu chegar muito tarde, vae, anda vae.

—Para onde heide ir? perguntou Ruth assustada. Não te acompanho à sociedade de medicina porque só foram convidados homens.

—Sim exactamente só homens só homens, murmurou Fitzgerald para consigo.

—Só homens. Lambem lá estarão officaes.

Dize agora, não gostarias de lá ir?

Collocares te no meio da sala e olhares em volta de ti, e escolher quem te agrade mais.

Tu és bonita, elle gostará de te ser agradável sem duvida.

Ruth fazia-se ora vermelha ora pallida, ella dirigiu-se-lhe indignada.

—Tu fallas-me n'uma linguagem, disse ella com voz tremula, que eu não soffrerei, que eu tenho de repellir. Parece que tens em vista fazer-me sempre insuportavel a vida ao teu lado, e talvez o melhor para nós ambos fosse separarmo-nos um do outro.

—Julgas isso, meu amorzinho? exclamou Fitzgerald e levantou-se, para vagarosamente, como o gato surprehende o rato, se aproximar da sua linda e joven esposa, crês tu realmente, que o melhor seria separarmo-nos?

—E para quem correrias tu se não tivesses de estar na minha companhia?

—Talvez para...

—Pelo que diz respeito ao meu futuro eu propria logo determinarei, respondeu Ruth.

—Porque me agarras tu as mãos tão brutalmente, não me apertes assim, deixa-me ou eu grito por socorro.

Com um salto repentino que Ruth não esperava, precipitou-se Fitzgerald sobre a sua mulher, agarrou-a pelos pulsos e quiz derrubá-la na sua frente pelos joelhos.

Mas Ruth offereceu-lhe uma valente resistencia.

Elle rangia os dentes, rollava com os olhos, era horrivel vê-lo com as feições transtornadas; contudo Ruth não perdeu o sangue frio e conseguiu até arrancar-se das mãos d'elle.

—Não tornes a ousar tocar-me, exclamou ella, custar-te-hia caro; ou julgas tu talvez que estou sem protecção alguma, porque meu pae não está em Londres? Eu tenho um amigo que exigirá estricctas contas de ti.

Mal Ruth tinha pronunciado estas palavras logo se arrependeu.

Com um grito que não tinha nada de humano, o doutor Fitzgerald atirou-se de novo a ella, e deitou-a no chão.

Tapon-lhe nas goellas o grito de socorro, ella ficou cheia de pavor quando o viu assim.

A loucura manifestava-se nos seus olhos, e sahia de lá em chamas claras.

Da sua bocca corria espuma ensanguentada, e os dedos com que elle agarrava o pescoço branco estavam recurvados.

—Morre, morre, mulher devassa, ah! eu hei-de varrer as mulheres, todas, cá do mundo.

Eu hei-de de exterminar esta geração de serpentes, eu... eu fui chamado por Deus para isto, pois o senhor manifestou se-me e gritou-me:

—Mata, mata as serpentes!

As suas mãos cingiam como garras o pescoço de Ruth, e foi para esta linda e infeliz mulher como se lhe tivesse chegado a sua ullima hora.

Já lhe custava a respirar, já se contorcia com falta de ar, já desesperava da salvação, quando, de repente a deixou.

As suas feições ficaram normaes e o fogo dos seus olhos extinguiu se.

—Levanta-te, exclamou elle para a mulher que tremia, eu peço-te Ruth que te afastes.

Eu estava allucinado, mas tu irritas-me muito gravemente.

Elle proprio a ajudou a levantar se do chão, e com a voz repassada de lagrimas, disse estas palavras.

—Eu amo te Ruth, eu amo-te loucamente, eu nada mais quero senão fazerte feliz.

Eu sei que tu me és fiel, não é verdade, tu amar-me-has sempre?

Para o socegar e para se poder escapar de ao pé d'elle, e certamente tambem porque sentia compaixão pelo desgraçado, respondeu-lhe:

—Tu és meu marido e devo amar-te e ser-te-hei fiel, mas... não se deve repetir mais entre nós...

—Nunca, pronunciou elle, e levantou a mão como se fosse fazer um juramento.

—Ah! se não me atormentasse constantemente esta eterna dôr de cabeça, não sei o que é, mas sinto como se me estivessem martellando aqui sob a fronte, e depois, basta d'estas scenas, peço-te, vae, vae, deixa-me só, vou mudar de fato para ir á sociedade de medicina.

Já é muito tarde.

—Sim, é já muito tarde, respondeu-lhe Ruth, pensando que tambem já não poderia talvez sahir de casa para cumprir a promessa que havia feito a Harry de visitar sua mãe,—muito tarde, passa bem.

—Passa bem Ruth, dá-me ainda um beijo, não, tenhas medo de mim, eu podia encher-te de carinhos a vida inteira, desdobrar ante os teus olhos todos os thesouros da terra.

Tu offereces-me a tua fronte para beijar, a tua fronte? Eu aceito agora esta alva fronte, mas quando eu esta noite voltar, quero a tua bocca vermelha.

Elle teve compaixão d'elle e, contudo, toda ella tremen, quando elle posou os labios ardentes sobre a sua fronte.

O doutor Fitzgerald acompanhou sua mulher até

á porta, depois d'ella sair, fechou-a, dirigiu-se para a secretaria, e tirou de lá uma caixinha.

De uma pequena garrafa que esta caixa continha tirou uma seringa cheia de um liquido branco.

Depois arregaçou a manga e a camisa até acima do cotovello e mettu a agulha da seringa sob a sua pelle.

Poucos momentos depois toda a sua bella figura se endireitava, as suas feições tornavam se mais tranquillias, e os seus olhos brilhavam com uma doce expressão.

O doutor Fitzgerald tinha-se tornado absolutamente outro homem.

Era o effeito da morphina, á qual este infeliz ha muito tempo se afeiçoára.

CAPITULO IX

Sherlock Holmes ganha a sua aposta

No vestibulo frouxamente illuminado d'uma casa da Waltworthstreet estava uma joven dama elegantemente vestida, da qual se podia affirmar, ter uma apparencia genuinamente ingleza.

As inglezas são mais esbeltas do que exuberantes de formas, e são frequentemente muito altas.

Assim era tambem a figura da joven dama que estava n'este vestibulo. Ao lado d'ella astava um rapaz que a senhora observava constantemente com olhares cheios de admiração.

—Senhor Holmes, o que o senhor conseguiu hoje realisar na arte de se disfarçar, dizia em voz baixa o rapaz para o policia amador, disfarçado em mulher, excede tudo quanto até aqui o tenho visto fazer

O senhor transformou-se n'uma dama elegante; na verdade, se eu o encontrasse na rua, chegaria a apaixonar-me por si.

—Serio? disse a dama sorrindo, e o que dirias tu então, Harry, se tu visses aquella cujas feições eu imitei fielmente?

Digo-te que posso ser confundido com Mrs. Ruth Fitzgerald.

Mas agora, Harry, animo; ouço o rodar d'um carro que traz Mrs. Ruth. Sim exactamente... o carro parou, lá em cima, á esquina.

Depressa, Harry, corre, vae ao trem e dá a Mrs. Ruth o recado que já te ensinei.

Harry Taxon separou-se de Sherlock Holmes, o policia amador disfarçado em senhora, correu ao longo da parede da velha casa de Waltworthstreet e chegou ao trem, uma typioia vulgar.

Justamente quando elle parou defronte da carruagem, abriu-se a portinhola do lado de dentro e... Ruth ia apear se.

—Depressa, madame, disse Harry baixinho, dê-me a sua mão e venha comigo.

—Quem é o senhor?

—O seu marido vem atraz de nós, affirmou Harry sem dar resposta á pergunta que ella lhe dirigira.

Uma horrivel sorte a espera, se não me seguir... tudo está denunciado.

—Deus do ceu... meu marido sabe...

—Tudo!

Elle sabe que a senhora vem visitar o capitão Harry Thompson, e elle pode aqui apparecer de repente.

Depressa, madame, siga me; eu salvo a, mas siga-me!

Ruth estava tão confusa, que não perguntou nem inquiriu mais nada, mas accitou o braço de Harry, e o rapaz desapareceu como um relampago n'uma travessia de Waltworthstreet.

Entretanto Sherlock Holmes havia deixado a entrada da casa.

Com passos graciosos e ligeiros como é proprio de certas mulheres, correu elle para a carruagem e disse ao cocheiro:

—Deixa-te estar aqui parado... eu quero ainda demorar-me um pouco, dentro do trem, pagar te-hei o tempo que correr.

—E' singular, resmungou o cocheiro de si para si, deixou o trem ha um minuto e já se torna a metter n'ello... O que quererá isto dizer?

Eu apostava a minha cabeça que anda aqui obra de qualquer aventura amorosa.

Mas como me paga, não deixa de calhar.

Holmes sentou-se na carruagem, abriu um dos vidros da portinhola e olhou d'ali pela rua abaixo.

Não era lá muito escura a Waltworthstreet, mas mas havia esse medonho nevoeiro de Londres, que mal deixava ver os poucos bicos de gaz que a rua, tinha.

—Lá vem elle! disse Holmes baixinho, para o co-sigo, e lá vira elle a esquina.

Este velho vagabundo com o bigode desgrenhado... deve ser elle... disfarçou-se.

Então apossou-se do policia amador uma exaltação febril.

Elle sentiu que d'este minuto dependia tudo, que se decidira agora, se elle era dado, decifrar o sombrio enyigma de Jacques, o estripador, como tantos outros que elle decifrara.

O policia deixou então a carruagem e com aquelle passo ligeiro com que as mulheres de má nota andam pelas ruas, seguiu elle junto á parede. De repente o vagabundo correu para elle.

—Para onde vae? perguntou elle com voz disfarçada, eh, és, pequena, vem cá! comnosco faz-se um bello par.

—Se en te agrado, respondeu Holmes, ao mesmo tempo que dava á voz um tom feminino, tu a mim já me agradaste.

Com estas palavras passou o policia amador perto da luz d'um candeeiro.

No mesmo instante um grito louco sahiu dos labios do vagabundo e com estas palavras:

—Com que então, tambem... minha mulher, mi-

nha mulher... é uma *cocote*... Pois então hade morrer como morrem as mulheres de má nota de Londres...

E atirou-se á senhora.

—Terra!... Jacques, o estripador, está sobre ti!

E com uma força, a que Sherlock Holmes difficilmente podia aguentar, o vagabundo lançou-se sobre elle.

Agarrou com uma das mãos o policia amador pelas guellas e com a outra puxou de uma faca aguda e comprida, levantou o braço, e impelliu a lamina contra o corpo do policia disfarçado.

Produziu-se então um som claro,—a lamina escorregou,—a coiraca de aço que Holmes trazia sobre todo o seu corpo, havia cumprido o seu dever.

E logo n'um momento se mudou a scena.

Sherlock Holmes tinha aproveitado os segundos em que Jacques, o estripador, tinha recuado vacillando assustado por lhe ter falhado a sua tentativa e agarrou veloz como um raio as mãos do terrivel homem. Deu-se então uma terrivel luta de morte ou vida... uma luta na qual subitamente o rostosinho ainda agora tão agradável de uma mulher nova se transformara nas feições caracteristicas do afamado policia.

—Tenho-te finalmente, horrivel monstro que ha tanto tempo trazes Londres apavorada, exclamou Sherlock Holmes, agora, Jacques, o estripador, o teu papel acabou.

Agora vaes tu para terra, doutor Fitzgerald, pois por Deus! és tu, e nenhum outro é o homem a que o povo inglez chama, com horror, Jacques, o estripador.

Um ronco profundo—Jacques o estripador, estava por terra. N'um abrir e fechar d'olhos Holmes tinha o algemado; depois agarrou-o e levou-o para o trem.

—Cocheiro! gritou Holmes para o boleeiro, para o quartel da policia.

Mr. Warrn, o director da policia de Londres estava sentado á sua secretaria e ia justamente assignar um mandado de prisão, que Murphy lhe tinha apresentado.

—O senhor está firmente convencido, perguntou o director da policia, de que é de facto este Grover Bell o assassino da cantora Lilian Bell?

—Estou absolutamente convencido d'isso *sir*, respondeu Murphy, e ao mesmo tempo agarrarei este Grover Bell, sem duvida, o Jacques, o estripador. Ah, ah, o meu illustre collega o senhor Holmes perdeu a aposta.

—Acredita que assim seja, senhor Murphy? foi o que se ouviu pelas costas do chefe da policia secreta.

—Tenha a bondade de olhar para cá... aqui lhe trago Jacques, o estripador... elle fará o seu depoimentos!

Warrn e Murphy olharam espantados para Sherlock Holmes que ainda vinha vestido de mulher, e assim entrará no gabinete do director da policia com o doutor Fitzgerald algemado.

—Mr. Warrn, disse Sherlock Holmes com voz agitada, eu empenho-lhe a minha palavra, e caucio-na como toda a minha reputação, arranjada com a minha obra de longos annos, que Jacques, o estripador, já não torna a pôr Londres em pavor.

O phantasma medonho não era senão este homem, um infeliz, que merece mais a nossa compaixão do que a furia que todo o mundo lança sobre a sua cabeça.

Está na sua frente... o conhecido medico é operador, o doutor Fitzgerald, o senhor conhece-o com certeza pessoalmente, Mr. Warrn, veja lá?

Holmes arrancou ao doutor Fitzgerald o bigode postiço e a cabelleira, e Warrn soltou um grito de assombro:

—Por Deus... é o doutor Fitzgerald.

—Eu perdi a minha aposta, senhor Holmes, disse Murphy, dê-me a sua mão, faça favor.

Reconheço-o sem emulação, como o maior de nós

dois.

E creio que não ha outro policia como Holmes em toda a terra.

*
* * *

Depois d'uma conferencia entre Sherlock Holmes, Warrn e Murphy, ninguém mais soube quem era Jacques, o estripador, mas a terrivel calamidade desaparecera immediatamente das ruas de Londres, e não se ouviu mais fallar de Jacques o estripador, nem das suas victimas tão dignas de dó.

O doutor Fitzgerald foi ainda n'essa noite internado n'uma casa de saude, onde acabou os seus dias ao fim de quatro semanas horriveis de loucura furiosa.

Um anno depois Ruth offereceu a sua mão ao seu querido Harry para uma alliança eterna.

Mas Holmes, Warrn e Murphy beberam o *champagne* que Warrn tinha promettido em premio a quem ganhasse a aposta; e Harry Taxou tambem tomou parte na festa, e devemos até confessar ao nosso leitor que elle se emborrachou esta noite, pela primeira vez na sua vida, mas foi um pifão de *champagne* e apanhou-o em honra do seu mestre querido. Por isso tem desculpa.

FIM

Ler no proximo numero:

O Assassino das Creanças

(Aventuras extraordinarias de Toto Fouinard)

A VIDA D'AVENTURAS

TEXAS JACK

O TERROR DOS INDIOS



TEXAS JACK, cujas aventuras, combates, triumphos e soffrimentos estão sendo inseridos na **Vida de Aventuras**, que acabamos de lançar a publico n'uma edição esmerada e economica, é o heroe do dia na Grande America.

TEXAS JACK! Não existe um americano que deixe de p-offerir tal nome com altivez e veneração.

TEXAS JACK, ha muito já que a fama do celebre aventureiro corre mundo sendo o nome do audacioso *gaúcho* proferido com o respeito e admiração devida aos heroes.

TEXAS JACK! Por tal designação se tornou universalmente conhecido Jack Hawkins, que durante muitos annos habitou a moradia do pae adoptivo, a modesta herdade situada nas margens do rio North-Canadá onde fora recolhido como engeitado. Educado ali, na floresta virgem, nas proximidades das savanas extensas, theatro das façanhas dos Indios, Jack to-nou-se rapidamente um soberbo e herculeo corredor de bosques, cuja coragem, força physica e destreza provocaram, com leguas em redor, o entusiasmo e a admiração!

Aos 16 annos Texas Jack era o mais fino cavalleiro, o mais destro atirador e o mais intrepido caçador de Indios.

Foi, quando contava tal idade, que os Pelles Vermelhas atacaram uma noite a herdade e a incendiaram, depois de chacinar os moradores. Texas Jack conseguiu escapar á carnificina e, n'essa hora tragica, quando viu assasados quanto lhe eram caros, quando viu desfeitas todas as suas illusões de mocidade, jurou sobre as ruinas fumegantes tirar de todos os Pelles Vermelhas terrivel vingança!

E cumpriu o juramento como adolescente, como homem e como velho.

A **Vida de Aventuras** publica-se em numerosos quinzenaes, formato 8.º gr., typo novo e excellente papel, contendo cada um **UMA OBRA COMPLETA** ao preço de **60 réis** cada numero.

Obras publicadas:

N.º 1 Um heroe de desesseis annos. N.º 2 Os corvos da California. N.º 3 Mulher Demonio. N.º 4 O massacre de Camp-Lancaster. N.º 5 O ultimo rei dos Comanches. N.º 6 Os pesquisadores d'ouro de Arizona.

NO PRELO

Texas-Jack policia, O castello mysterioso, O segredo do caçador, Vingança de mulher, etc. etc.

Cada serie de 10 numeros (pagamento adiantado) **600 réis**.

UM UNICO LIVRO NO SEU GENERO

PRAZERES SECRETOS DO AMOR

Pelo doutor Jaff

Summario dos capitulos

—I Conversação preambular sobre o amor secreto—II O amor em temp's antigos—III Physiologia do amor—IV O amor livre e o amor conjugal—V Physiologia da mulher e o amor—VI Physiologia do desejo—VII O amor secreto e o amor experimental—VIII Seducção, pudor, volupia—IX Moral do amor secreto—X O amor secreto e a procreação—XI A arte de lisongear as paixões da mulher—XII Conselhos no casamento—XIII O amor secreto em Roma—XIV Leis secretas do amor no Islam—XV O amor secreto indú—XVI Considerações sobre as conexões—XVII Litteratura amorosa.

Novidades Litterarias

A apparecer brevemente:

Os espinhos do adulterio
por Victorien du Saussay

O Conquistador de criadas

por Paul Perin e Robert Rochenille

As Missas Negras

Feitiços, diabruras
malifícios e sortilégios

O culto e os amores de Satanaz

pelos drs. Causervon e Jaff

1 vol., 600 rs.

600 RS.

Um elegante vol. 8.º gr.

RS. 600

Aventuras de Lord JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

O unico rival de SHERLOCK HOLMES



Nada tão emocionante e de interesse tão empolgante como este verdadeiro romance de um **homem admiravel, poderoso e forte** que, apesar de imensamente rico, dedicou o seu **talento sem igual**, a sua **invencivel bravura**, e a sua **colossal fortuna** a causa da **Justiça**, **protegendo o fraco, vingando as victimas** e conduzindo ao patibulo os **mais horribes e tenebrosos assassinos** do mundo inteiro!

O mobil principal que obrigou Lord JACKSON a seguir a **perigosa e acidentada vida de policia** foi, indubitavelmente, o **horrirel assassinato** de sua mãe e o amor que sentia no coração, **tão bravo como generoso**, pelos sacrosantos ideaes de **Justiça e Liberdade**, que devem aperfeiçoar os homens.

Cada numero contém um episodio completo

LER AS AVENTURAS DE

Lord JACKSON em Londres!

Lord JACKSON em Paris!

Lord JACKSON em Vienna!

Lord JACKSON em Madrid!

Lord JACKSON em New York!

Lord JACKSON em Lisboa!!

Chicago, California, Mexico, Cairo, Indias e Australia!

Lord Horaciò Jackson Coosway

Um numero quinzenal, Illustrado, formato 8.º grande, typo novo e excellente papel, contendo cada um uma obra completa ao preço de

60 REIS

CADA NUMERO

REIS 60

Pedidos á Typographia Lusitana Editora, 11, R. Ivens, 13, Lisboa

COLLECÇÃO HISTORICA

Historia Popular da Prostituição

Desde os tempos mais remotos até á actualidade

A obra com que vamos iniciar a «Collecção Historica» constitue o que, sem receio, poderemos chamar uma verdadeira obra prima de erudição e um livro de incontestavel valor, pelo que contem de preciosos elementos para o estudo das diferentes camadas sociaes em todas as grandes epochas da Historia

A edição da «Collecção Historica» será, como todas as sahidas da nossa casa editora, esmerada e accesivel, pela modicidade do custo, aos menos abonados.

Mensalmente publicaremos um volume, *formato 4.º gr.*, primorosamente illustrado, custando apenas

300 RS. O volume brochado RS. 300

